



# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

set-out de 2013



Exemplar avulso: R\$ 11,30



## Priorizando a satisfação familiar

Sem medo de ser você  
Como viver acima das pressões





# O lado certo da história

**E**m várias partes do mundo, ocorrem assombrosas mudanças culturais, e terrenos sólidos se tornam areia movediça. Em meio ao desenvolvimento de agendas e linhas de combate em ação, você ouvirá esta frase frequentemente repetida: “Quero estar no lado certo da história.”

O que as pessoas querem dizer com essas palavras? Estaria o lado certo da história na dependência da maré da opinião popular? Ou do voto da maioria? Por qual critério podemos decidir “o lado certo” ou “o lado errado” da história?

A História revela que, frequentemente, a maioria está enganada. A verdade não é determinada por pesquisas de opinião nem pelo voto popular. Salomão nos lembra de que “há caminho que parece reto ao homem, mas no final conduz à morte” (Pv 16:25). Como cristãos, as determinações sobre “certo” e “errado” devem estar no contexto dos ensinamentos bíblicos. A Palavra de Deus deve ser sempre uma lâmpada para nossos pés e luz para nosso caminho (Sl 119:105).

Devemos também mostrar graça e respeito para com aqueles cuja opinião difere da nossa. Quando reivindicamos estar do lado certo da história, implicamos que as pessoas que têm posição diferente estão do lado errado. Assim, nós julgamos.

O chamado para seguir a Jesus como Salvador e Senhor envolve boa vontade para Lhe render nossa agenda e deixar que Ele seja o Autor da nossa história. Assim, nós diminuiremos e Ele crescerá. Pediremos que o Espírito Santo dirija nossos sonhos e aspirações de acordo com a vontade de Deus. Oraremos como Jesus nos ensinou: “Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu” (Mt 6:10).

Na pessoa de João Batista, encontramos um maravilhoso exemplo de uma vida entregue à vontade de Deus. Quando as pessoas ouviram seu chamado ao arrependimento, estou certo de que houve algumas que o rotularam como alguém que estava no lado errado da história, vivendo no deserto, recusando-se a se deixar dirigir pelas regras culturais da época. Quem ele pensava ser, ao pedir que

pessoas possuidoras de duas capas dessem uma a quem necessitava, ou que soldados não intimidassem as pessoas nem as acusassem falsamente, mas estivessem contentes com o próprio salário (Lc 3:11-14)? Acaso, não entendia aquele profeta que devia trabalhar de acordo com o sistema?

Quando João Batista confrontou a corrupção e as falhas morais, foi lançado na prisão (Mc 6:17, 18). Indubitavelmente, muitos dos líderes seculares e religiosos julgaram que ele estivesse do lado errado da história. Porém, Jesus disse a respeito dele: “não surgiu ninguém maior do que João Batista” (Mt 11:11). E acrescentou: “E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir” (v. 14). Caso Elias estivesse preocupado com a opinião pública, não teria

falado contra o culto a Baal. Contra 450 profetas de Baal e 400 profetas de Aserá, Elias estava humanamente em desvantagem. Da perspectiva humana, ele claramente estava do lado errado da história. Igualmente, João Batista estava em desvantagem,

e quando morreu só e aparentemente abandonado em um fétido calabouço, o mal aparentemente triunfou.

Mas não devemos nos esquecer de que “o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens” (Dn 4:17). Ele é o Senhor da História e realiza Sua vontade em meio aos planos e paixões humanos. Alinhar nossa vida e nossa vontade em completa harmonia com Sua vontade é tudo o que realmente importa.

À medida que corajosamente seguimos a revelada vontade de Deus, pode haver tempos em que sejamos reconhecidos por alguns, pelo fato de estarmos do lado certo da história. Também é certo que seremos condenados por outros que nos julgarão como estando do lado errado da história. Porém, quando for escrito o último capítulo da história da Terra, veremos que a Palavra de Deus permanece. Sua vontade terá sido feita, assim na Terra como no Céu.

Na medida em que os valores e visões culturais mudam ao nosso redor, estejamos atentos às instruções da Palavra de Deus e à vontade dEle para nossa vida e nosso ministério. ▀

*“Alinhar nossa vida e nossa vontade em harmonia com a vontade de Deus é tudo o que importa”*

**Editor:**

Zinaldo A. Santos

**Editor Associado:**

Márcio Nastrini

**Assistente de Editoria:**

Lenice F. Santos

**Chefe de Arte:**

Marcelo de Souza

**Projeto Gráfico:**

Marcos Santos

**Programação visual:**

Milena Costa

**Fotos:**

Capa - © Kzenon | Fotolia

Editor - Daniel Oliveira

Autores - cortesia e *Ministry*

**Colaboradores Especiais:**

Carlos Hein; Rafael Rossi;

Jerry Page; Derek Morris

**Colaboradores:**

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Carlos Sanchez; Daniel Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior; Eufracio Quispe; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

**Diretor Geral:**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:**

Edson Erthal de Medeiros

**Redator-Chefe:**

Rubens S. Lessa

**SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE**

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

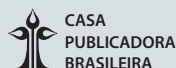
Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 54,90

Exemplar Avulso: R\$ 11,30



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP

Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



# Simplemente Paulo

**I**negavelmente, Paulo é um dos personagens mais carismáticos das Escrituras. Nele, encontramos o perfeito exemplo de alguém possuidor de intensa paixão pela causa de Cristo. Desde o memorável encontro com o Senhor, na estrada de Damasco, sua vida mudou radicalmente, passando a ser regida por essa paixão avassaladora, que o levou a considerar não ser a própria vida algo tão precioso que não pudesse ser deposta em favor do Senhor da causa que abraçou: “Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (At 20:24). “Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1:21). “Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo” (Fp 3:7).

A paixão de Paulo pela pregação do evangelho é digna de imitação: “proclamei plenamente o evangelho de Cristo. Sempre fiz questão de pregar o evangelho onde Cristo ainda não era conhecido” (Rm 15:19, 20). “Contudo, quando prego o evangelho, não posso me orgulhar, pois me é imposta a necessidade de pregar. Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16). É também admirável sua paixão pelo exercício do pastorado, revelada no cuidado e preocupação pelo bem-estar do rebanho. Disse ele aos gálatas: “Meus filhos, novamente estou sofrendo dores de parto por sua causa, até que Cristo seja formado em vocês. Eu gostaria de estar com vocês agora e mudar o meu tom de voz, pois estou perplexo quanto a vocês” (Gl 4:19, 20). E aos coríntios: “Além disso, enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas. Quem está fraco, que eu não me sinta fraco? Quem não se escandaliza, que eu não me queime por dentro?” (2Co 11:28, 29).

Nem por isso Paulo era um super-homem. Em certa ocasião, atormentado por algo em sua vida a que chamou “espinho na carne”, três vezes pediu que Deus o removesse. Diante da resposta divina: “Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”, o apóstolo simplesmente se resignou com as próprias fraquezas. Disse ele: “Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim” (2Co 12:9). Estava bem clara diante dele a lição de que o poder divino é aperfeiçoado com a fraqueza humana, ou seja, é completo, consumado ou cumpre seu propósito quando alcançamos o ponto de absoluta fraqueza. Somente aqueles cujas debilidades e insegurança são reconhecidas e submetidas incondicionalmente à vontade divina sabem o que é ter o poder de Cristo. É assim que podemos ser os pastores que o Senhor deseja que sejamos. ■

Zinaldo A. Santos

### 10 COMO SE FAZ UM PASTOR

A vocação pastoral é mais que uma escolha humana.

### 12 O MILAGRE DO ESPINHO

Lições extraídas da experiência do apóstolo Paulo.

### 15 SEM MEDO DE SER VOCÊ

No exercício do pastorado, autenticidade é fundamental.

### 17 PRIORIZANDO A SATISFAÇÃO FAMILIAR

Família feliz significa realização pastoral garantida.



Foto: William de Moraes

### 21 PODEMOS CONQUISTAR JERICÓ

Uma estratégia para superar os modernos desafios evangelísticos.

### 24 IGREJAS ABERTAS

Método eficaz para atender as necessidades comunitárias.

### 28 MISSIÓFILOS, MISSIÓLOGOS E MISSIONÁRIOS

De que maneira o estudo da missão se relaciona com a vida cristã.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

31 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO  
A CORAÇÃO

*“O espinho parece ser marca registrada de todo pregador que busca transformar o mundo por meio da Palavra. Todos os pregadores têm espinhos.*

*O espinho me leva ao terreno da fervorosa e constante oração e me lembra de que nada sou além de pó.” –*

*Charles W. Knight*

# Por um ministério mais feliz



Foto: Cortesia da entrevistada

*“É saudável que o pastor assuma sua própria humanidade, o que é o primeiro passo para aliviar as dores da alma. Tudo isso deve ser feito a luz de sua relação com Deus”*

por **Zinaldo A. Santos**

**C**om apenas alguns meses de vida, ela veio da Argentina para o Brasil, onde os pais foram missionários no Amazonas, o que também aconteceu posteriormente no Uruguai. De volta para a Argentina, Nancy Hein de Gómez fez seus estudos secundários no Instituto Adventista de Balcarce, e cursou Psicologia na Universidade Adventista del Plata, UAP. Atualmente, desenvolve estudos de pós-graduação em Psicoterapia Cognitiva Individual e Grupal, na Universidade Maimónides.

Casada com o médico Martin Gómez, especialista em Ortopedia e Traumatologia, reside em Buenos Aires, onde trabalha como psicóloga clínica, professora e diretora da Secretaria de Avaliação e Qualidade

Universitária da UAP, e também presta serviços à Associação Buenairense, na área de Psicologia Organizacional. Nesta entrevista, ela fala sobre esse trabalho, os desafios emocionais enfrentados pelos pastores e a maneira pela qual podem superá-los.

**Ministério:** *Nascida em uma família pastoral, com a senhora via, durante os anos da infância e adolescência, o pastor e seu trabalho?*

**Nancy:** Meus pais nos deram, a mim e a meus dois irmãos, a maior herança que podíamos desejar, ensinando-nos com o exemplo o que é importante na vida: tempo com Deus, com a família, com os amigos, tempo para o serviço à humanidade e para nos realizarmos como pessoas, com

nossas próprias aspirações. Alguns veem a vida dos filhos de pastores como instável e traumática, por causa das transferências e dos horários irregulares das atividades do pastor. Porém, meus pais ensinaram que superar as pequenas frustrações ou amarguras é parte do desenvolvimento pessoal e que a essência da felicidade está nas coisas simples da vida. A segurança que eles proveram serviu para enfrentar as mudanças. Entre outras coisas, isto foi o que aprendemos deles: A família é o mais importante, e pode ser atendida sem prejuízo para o trabalho. Mesmo que as circunstâncias nem sempre fossem animadoras, meus pais mantinham atitude positiva e contentamento. Desfrutavam a vocação. Na igreja ou em casa, eram sempre os mesmos.

**Ministério:** Hoje, sendo psicóloga, como vê o ministério pastoral?

**Nancy:** Meu esposo e eu ajudamos como membros leigos na igreja local. Porém, olhando hoje a família do pastor, considero grande privilégio trabalhar exclusivamente para Deus. Os pastores têm dificuldades, porém, outros profissionais também levam suas cargas, cada um com seus matices buscando o equilíbrio que ajude a manter as prioridades em seu lugar. Como psicóloga, tenho descoberto na vida do pastor realidades que como criança e adolescente não percebia. Refiro-me à realidade de que o pastor também é um ser humano que tropeça, sofre, enfrenta crises, e que, em alguns momentos, precisa da ajuda de outro servo de Deus, seja este um amigo, profissional especializado, ou outro. Desde que me formei, senti desejo de colaborar para o fortalecimento e desenvolvimento da vida psicossocioemocional do pastor e da igreja. Embora não seja esse o meu trabalho principal, Deus me deu a oportunidade de cumprir esse objetivo na Associação Buenairensense.

*“O pastor deve estabelecer vínculos saudáveis e genuínos com Deus, a família, os amigos, colegas e líderes, com membros da igreja e conhecidos”*

**Ministério:** Como é feito esse trabalho?

**Nancy:** Ainda estamos em fase inicial do que pode se tornar um programa de apoio ao pastor, complementando as funções do secretário ministerial. Tenho sido convidada a fazer palestras em concílios, coordenar seminários para pastores aspirantes, assistir o secretário ministerial do Campo no planejamento de ações de apoio, desenvolver processos de

avaliação psicotécnica dos aspirantes. Também tenho atendido, no consultório, pastores que necessitam de ajuda profissional. Nos concílios tenho focalizado temas referentes à satisfação profissional e à síndrome de *Burnout* [distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental], enfatizando a prevenção, e promovendo o fortalecimento da motivação e satisfação interna do pastor. Com os aspirantes, tenho trabalhado conceitos como autoconhecimento do estilo pessoal, identidade pessoal, detecção e prevenção de riscos que podem afetar a vida emocional, e a aquisição de instrumentos para resolver conflitos interpessoais. Neste ano foi realizada, em parceria com a Dra. Norma Desch, uma avaliação psicotécnica dos aspirantes. Essa iniciativa teve três objetivos: Que o pastor e esposa possam identificar seus pontos fracos e fortes diante das exigências da tarefa pastoral; a partir dos resultados da avaliação, estabelecer um plano específico de ação entre o aspirante e o secretário ministerial, dando início a um crescimento vocacional contínuo; fornecer recomendações para que a Associação acompanhe o pastor em seu desenvolvimento e crescimento. Os resultados da avaliação foram analisados pelas coordenadoras do processo com o secretário ministerial, a coordenadora da Afam e os administradores da Associação. A assistência psicológica no consultório tem acontecido com total independência da Associação e resguardando o segredo profissional.

**Ministério:** Há uma ideia de que o pastor vive um conflito resultante de suas próprias limitações diante das exigências do trabalho.

**Nancy:** Certa ocasião, fiz uma lista das expectativas tidas em relação ao pastor, desde a igreja local, a administração do Campo, família, instituições. A lista foi muito extensa. Nos últimos anos, trabalhando com

pastores, muitas vezes, tenho me perguntado: Será que eles conhecem e entendem as expectativas quanto ao seu trabalho? A resposta a essa pergunta é fundamental. Na psicologia do trabalho e organizacional, há uma premissa básica: A clareza de funções na tarefa, ou seja, a clareza das expectativas laborais é indicador positivo tanto do rendimento como da satisfação obtida pelo profissional. Noto que muitos pastores, especialmente nos primeiros anos de ministério, têm expectativas tão altas e extensas que parecem inalcançáveis. Isso gera uma frustração profunda que resulta tanto na redução da produtividade como no esgotamento interno da pessoa. Esses conceitos falsos e superdimensionados construídos na mente podem levá-los a um conflito de identidade, pois as expectativas não são apenas “humanas”, mas também “divinas”. Quem pode suportar tanto? Mesmo que viva em perfeita comunhão com Deus, o pastor é humano; suas forças físicas e mentais não são as de um super-homem. O descumprimento de tão elevado desafio pode levar à tendência de criar e projetar uma imagem representativa do que o pastor não pode ser. Aí começa a desestruturação interna e, às vezes, angústia e enfermidade. Muita dor na vida de alguns pastores poderia ser diminuída, se eles aprendessem a viver entre a tensão de ser e fazer.

**Ministério:** Como encontrar esse equilíbrio?

**Nancy:** Na prática da autenticidade, que é um fator de proteção contra a doença e o vazio interior. O Dr. Stephen Muse desenvolveu uma teoria explicativa dessa tensão. Ele diz que o pastor tem duas formas de aceitar e viver o chamado de Deus. Uma está centralizada na verdadeira vocação, que promove a obediência genuína, o reconhecimento do pecado e o arrependimento, uma vida de intimidade e confiança com os

outros e com Deus. Essa forma inclui louvor, confissão, família e amigos, busca de apoio em mentores e amigos, estudo, criatividade e *hobbies*, exercício físico, dieta adequada, oração e dedicação a outros. Ou seja, ela resulta no encontro genuíno com Cristo e com as pessoas. “O ‘eu’ está escondido com Cristo em Deus.” A segunda forma está centralizada “em si mesmo”, na complacência do que os outros querem ver nele e na busca de aprovação dos diferentes públicos (irmãos de fé, superiores, amigos). Isso pode desembocar em depressão, agressividade, ressentimento e enfermidade. Nessa segunda forma de viver o chamado de Deus, “o ‘eu’ é destruído na tentativa de salvá-lo”. Essa abordagem é muito expressiva para explicar a origem da crise de identidade que o pastor pode ter. Essa forma pode ajudar a protegê-lo contra esse círculo destrutivo.

**Ministério:** *O que a senhora encontrou especificamente, em suas pesquisas, entre pastores adventistas?*

**Nancy:** Minha dissertação para conclusão do curso de Psicologia, em 2005, analisou a satisfação profissional, síndrome de *Burnout* e características da personalidade entre pastores da União Argentina (à época, Argentina, Paraguai e Uruguai). A pesquisa mostrou que esses pastores geralmente apresentavam certa satisfação externa, mas não percebiam a satisfação interna. Cumpriam demandas externas, mas não escutavam os próprios anelos de autorrealização e crescimento pessoal. O fator preocupante no estudo é que a orientação interna débil em relação ao trabalho pode ser um indicador significativo de desgaste profissional. No ano passado, em um dos seminários com pastores aspirantes, outra pesquisa avaliou dois aspectos: a satisfação profissional e a felicidade. Para minha surpresa, 91% dos pesquisados obtiveram o nível máximo de satisfação. Por ou-

tro lado, a questão felicidade apresentou nível menor que a satisfação do pastor no trabalho. Desse grupo, 67% apresentaram nível máximo de felicidade. Além do fator numérico, o que chamou a atenção foi a diferença apresentada entre o externo (satisfação profissional) e o interno (felicidade). Havia uma forte realização externa contra uma realização interior diminuída.

*“Muita dor na vida de alguns pastores poderia ser diminuída, se eles aprendessem a viver entre a tensão de ser e fazer”*

**Ministério:** *Para algumas pessoas, como líder espiritual, o pastor não pode ter depressão. O que a senhora diz a esse respeito?*

**Nancy:** A depressão está atingindo as pessoas cada vez mais cedo, é cada vez mais frequente, e o pastor não está isento dessa realidade. Depressão é um estado, um transtorno de ânimo em algum momento da vida, não uma forma de ser. A pessoa afetada se isola e reduz o nível de atividade, apresenta perturbações na atenção e na memória de trabalho, tem visão negativa de si mesmo, do mundo e do futuro. Suas atitudes são disfuncionais. Experimenta expectativas negativas, falta de esperança, e isso nada tem que ver com sua confiança em Deus nem com dúvida sobre Sua Palavra. A depressão não está relacionada com a falta de vocação, embora seja verdade que o deprimido possa duvidar e ter visão negativa e pessimista em relação à vocação. É preciso saber quais são os fatores de maior risco, para que o pastor trabalhe na prevenção desse transtorno. Estes são os fatores: (1) falta de habilidades sociais; (2) excessiva dependência in-

terpessoal ou busca de reafirmação; (3) inibição interpessoal, que pode se expressar na timidez, na fobia social e na falta de assertividade. É importante que o pastor fortaleça esses três aspectos, que também conheça que é uma situação da qual pode sair e que, a fim de prevenir cronicidade ou recaídas, é necessário contar com ajuda profissional adequada.

**Ministério:** *Tendo como base suas pesquisas e as descobertas feitas no seu trabalho, quais são suas sugestões para o pastor e a liderança da igreja?*

**Nancy:** Entendo a vida do pastor como a vida do justo descrito por Salomão: “Como a luz da alvorada, que brilha cada vez mais até a plena claridade do dia.” Talvez, a perfeição esteja no distante horizonte, mas ele foi chamado a crescer onde está, não a partir da construção irreal ou fantasiosa do que é “ser pastor”. A Igreja deve promover o pensamento e a reflexão crítica sobre a ocupação do pastor. Que este possa reconhecer suas qualidades, fraquezas e prioridades, a fim de melhorar de maneira participativa, inovadora e criativa, em relação às expectativas. Também deve ter bem claros seus interesses e atitudes, estilo pessoal, valores e ideais que o motivam. O pastor deve entender que a vocação não é algo estático, mas deve ser construída todos os dias. É saudável pensar que o chamado divino pode e deve ser renovado a partir da relação com Deus, o olhar para seu interior e às necessidades da igreja e do mundo. Que fale da sua própria humanidade, que muitas vezes é o primeiro passo para aliviar as dores da alma. Tudo isso deve ser feito à luz de sua relação com Deus. O pastor deve estabelecer vínculos saudáveis e genuínos com Deus, a família, os amigos, colegas e líderes, com membros da igreja e conhecidos. O isolamento o tornará mais vulnerável. Busque ajuda a tempo e, acima de tudo, confie no Bom Pastor, que leva nossos fardos. ▀



# Deus conta com você

*A esposa de pastor tem um lugar especial no ministério*



**U**ma das grandes crises que todas as pessoas enfrentam em algum momento da vida está relacionada ao propósito de sua existência. Não é diferente com a esposa do pastor. Não faz muito tempo, eu falava para aproximadamente quarenta esposas de seminaristas de teologia, e fiz a elas a seguinte pergunta: “Por que você está aqui?”

Boa parte delas, algumas até com lágrimas, respondeu que estava ali por causa do esposo. Outras responderam que estavam ali para não impedir a realização do sonho do esposo. Houve quem respondesse que não gostaria de estar ali, mas a escolha foi do marido. Felizmente, outras

afirmaram que, embora tivessem chegado ao seminário com pensamentos semelhantes a esses, ao longo do período passaram a compreender que Deus tinha um plano para elas, não somente para os respectivos esposos.

## Por que você foi chamada?

E quanto a você? Por que você está onde se encontra? Com qual das respostas apresentadas por aquele grupo você se identifica?

Tenho 15 anos de ministério pastoral junto de meu esposo e, ao longo desse período, encontrei muitas esposas frustradas, deprimidas, magoadas, ressentidas, infelizes,



negativistas, sofredoras. Também já encontrei muitas realizadas, felizes, agradecidas, dedicadas, totalmente entregues ao ministério pastoral. Minha pergunta é: De que lado da balança você se encontra?

Independentemente do grupo em que você estiver inserida, é importante compreender o que Deus tem pensado sobre você e quais têm sido os propósitos dEle para sua vida. Esse conhecimento fará diferença e dará a você a real motivação para uma vida feliz.

Diz o Senhor: “Sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês” (Jr 29:11). Sempre que leio esse texto, emociona-me a certeza de que o que realmente importa não é o que os membros da igreja pensam a meu respeito, não é o que outras colegas ou a administração do Campo pensam a respeito de mim. Nem mesmo importa o que eu pensar sobre mim. O que realmente fará diferença em nossa vida é compreender o que Deus pensa a nosso respeito. Você precisa compreender urgentemente para qual propósito Ele a colocou no lugar em que está agora e, acredite, isso nada tem que ver com seu esposo.

Deus tem planos, sonhos e propósitos exclusivos para sua vida, independentemente do que tem para a vida de seu esposo. Evidentemente, os propósitos divinos acabam se entrelaçando; afinal, vocês são uma só carne. Porém, Deus não a vê como um apêndice ou extensão do esposo, como se alguém pudesse dizer: “Já que Ele tem planos para o pastor, consequentemente, tem que arrumar alguma coisa para a esposa também.” Absolutamente, não!

Caso tenha dúvida quanto a isso, atente para estas declarações de Ellen G. White:

### Missão especial

“O Senhor tem uma obra para mulheres, bem como para homens. Elas podem ocupar seus lugares em Sua obra nesta crise, e Ele atuará por intermédio delas. Se estiverem imbuídas com o senso do dever, e trabalharem sob a influência do Espírito Santo, terão a exata presença de espírito requerida para este tempo. O Salvador refletirá sobre essas abnegadas mulheres a luz de Sua face, e lhes dará poder que excede o dos homens. Elas podem realizar nas famílias uma obra que os homens não podem fazer; obra que alcança o íntimo da vida. Podem se aproximar do coração daqueles a quem os homens não podem alcançar. Seu trabalho é necessário” (*Review and Herald*, 26 de agosto de 1902).

“Podemos dizer com segurança que a dignidade e importância da missão e deveres específicos da mulher são de caráter mais santo e mais sublime que os deveres do homem” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 3, p. 565).

“As mulheres não conhecem seu poder... Por intermê-

dio do trabalho missionário elas podem alcançar uma classe que nossos pastores não podem... Há trabalho negligenciado ou incompleto que podia ser inteiramente completado pelo auxílio que essas irmãs podem dar” (*Beneficência Social*, p. 145, 147).

“Por suas orações fervorosas de fé, vocês podem mover o braço que move o mundo” (*O Lar Adventista*, p. 264).

Tendo em mente essas afirmações, posso perguntar a você: Quem é essa pessoa a respeito de quem é dito que não conhece o poder que tem, receberia grande medida de poder, exerce uma missão sublime, poderia alcançar pessoas que seria impossível ao pastor (seu esposo) alcançar? E mais: Estando de joelhos pode mover o braço abençoador de Deus?

### Entrega completa

Pessoa tão honrada pela Majestade do Céu não é outra senão você! Portanto, não há necessidade de se lamentar, chorar ou se considerar apêndice do esposo; sentir-se infeliz por acreditar que ocupa um lugar que não deseja,

faz coisas das quais imagina não gostar, mas participa, sacrificando-se, apenas para agradar o esposo.

Por favor, não! Deus sempre teve sonhos, planos maravilhosos, um propósito grandioso, ao chamar você e seu esposo para o ministério. Ele

não apenas pensou em seu esposo, mas também tinha você em mente. Acredite: Você está no lugar em que está porque Deus tem um propósito especial para cumprir em você, através de você e por você.

Entregue-se alegremente para que possa ser totalmente usada por Deus. Ouça e esteja atenta enquanto Ele vai descortinando os planos que traçou para sua vida. Ele tem grandes projetos para você, pois a capacitou com dons especiais para que sejam empregados em Sua causa. Avance confiante! Não centralize suas atenções nas dificuldades, eventuais frustrações e coisas desagradáveis que nos alcançam. Deus tem algo maior que tudo isso.

Somente Ele sabe até onde vai conduzi-la e o que pode conquistar por meio de você, caso permita que Ele utilize todos os dons que lhe foram concedidos. Se acaso, em algum momento, você se julgar incapaz, lembre-se de que a causa é dEle; nossa parte é simplesmente nos colocarmos à Sua disposição na família, na igreja e no campo de trabalho, a fim de que Ele cumpra em nós e por meio de nós Seus propósitos para a igreja e para o mundo.

Submeta-se alegremente ao Mestre, disponha-se para Ele, e encontrará a genuína motivação de servir, desfrutando a felicidade resultante de estar no centro da vontade divina. ▀

“O Senhor tem uma obra para mulheres, bem como para homens. Elas podem ocupar seus lugares em Sua obra, e Ele atuará por intermédio delas”



# Como se faz um pastor

*A vocação pastoral não é fruto da escolha pessoal do ser humano*

**D**urante os quatro anos em que estive no seminário de teologia, ouvi e também repeti muitas vezes a frase: “fui chamado”, que é muito comum entre seminaristas.

Não há nenhum problema em repetir essas palavras, desde que elas sejam verdadeiras em relação a quem as profere. Ser chamado por Deus para o ministério pastoral é requisito básico para quem deseja trilhar esse caminho. A vida pastoral sem a conscientização e certeza do chamado feito por Deus será triste e melancólica. O trabalho será sempre pesado e enfadonho, completamente destituído de alegria.

O grande pregador e pastor Charles Spurgeon disse certa vez: “O fato de que centenas perderam o rumo e tropeçaram num púlpito está patenteadamente tristemente nos ministérios infrutíferos e nas igrejas decadentes que nos cercam. Errar na vocação é terrível calamidade para o homem,

e, para a igreja sobre a qual ele se impõe, seu erro envolve aflição das mais dolorosas” (*O Chamado Para o Ministério*, p. 8). Ninguém será feliz de verdade no ministério pastoral se não tiver convicção de que a vocação lhe foi dada por Deus.

## Iniciativa divina

Quando Cristo ascendeu ao Céu, providenciou uma forma de não ficarmos desamparados aqui na Terra. Assim, enviou o Consolador, o Deus Espírito Santo, o qual escolhe como distribuir Seus dons.

“Ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres” (Ef 4:11). O texto é claro, Deus é quem escolhe alguns para que sejam pastores.

Portanto, ser pastor é mais que uma escolha, é vocação originada em Deus. “Ser pastor sem vocação é como ser membro professo e batiza-

do sem conversão. Nos dois casos há um nome e nada mais”, disse Charles Spurgeon (*Ibid.*, p. 9).

Consultado por um jovem que desejava conselho sobre a intenção de se tornar pastor, o próprio Spurgeon respondeu: “Não entre no ministério se puder passar sem ele”. Há muita sabedoria nessa resposta. Se no coração há mais opções além do ministério, então, pode ser que não haja certeza do chamado. O ministério é para quem não se vê fazendo outra coisa.

Sempre foi Deus quem tomou a iniciativa de chamar pastores. No passado, chamou Isaías. Porém, antes de começar a trabalhar, o profeta recebeu de Deus o privilégio da visão que confirmou seu chamado ao ministério: “Ouvi a voz do Senhor, proclamando: ‘Quem enviarei? Quem irá por Nós?’ E eu respondi: ‘Eis-me aqui, envia-me’. Ele disse: ‘Vá e diga a este povo: Estejam sempre ouvindo, mas

nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam” (Is 6:8, 9).

O chamado do profeta Jeremias é outro exemplo de como Deus escolhe, chama e capacita Seus pastores. Ele disse para o profeta: “Antes de formá-lo no ventre Eu o escolhi; antes de você nascer, Eu o separei e o designei profeta às nações” (Jr 1:5).

Encontramos ainda o chamado do profeta Ezequiel, a quem o Senhor disse: “Filho do homem, vou enviá-lo aos israelitas, nação rebelde que se revoltou contra Mim; até hoje eles e os seus antepassados têm se revoltado contra Mim” (Ez 2:3). Mais uma vez encontramos Deus escolhendo e chamando alguém para pastorear Seu povo.

O próprio Deus falou pelo profeta Jeremias: “Então Eu lhes darei governantes conforme a Minha vontade, que os dirigirão com sabedoria e com entendimento” (Jr 3:15). Deus escolhe, conhece e capacita todos aqueles que Ele designa para o ministério.

Depois de muitos anos de experiência, Charles Spurgeon estabeleceu quatro sinais da vocação ministerial com os quais ele avaliava os jovens que demonstravam interesse pelo pastorado.

□ Desejo intenso e absorvente de realizar o trabalho.

□ Aptidão para ensinar e outros atributos para o ofício do instrutor público.

□ Pessoas convertidas a Deus, como fruto do trabalho do pastor.

□ Pregação aceitável ao povo.

Certamente, essas são características presentes na vida de todos os que receberam o chamado de Deus. No entanto, é a certeza do chamado que dá sentido a tudo que fazemos como pastores. Deus providencia as habilidades necessárias.

## Representantes do Reino

A Bíblia fala dos cristãos e especialmente dos pastores como embaixadores de Cristo (2Co 5:20). Essa figura é bastante significativa para os ministros do evangelho. Primeiro, porque alguém só se torna embaixador se o convite for feito pelo governo que ele representará. Segundo, o

embaixador vive no país estrangeiro como se estivesse no país de origem, inclusive o território da embaixada é considerado um pedaço do país que a embaixada representa.

Outra função atribuída aos cristãos e que se torna potencializada para os pastores é a de despenseiros (1Co 4:1). O despenseiro é alguém autorizado a cuidar dos bens do nomeador, uma espécie de administrador. No entanto, ninguém se nomeia despenseiro; ele sempre é nomeado. Experimente nomear-se despenseiro de um rico e começar a negociar com os bens dele. Logo descobrirão suas intensões e cortarão seus privilégios.

Tanto o embaixador quanto o despenseiro são nomeados por Deus. Não escolheram a função, foram escolhidos. Também é assim com os pastores. Eles foram escolhidos por Deus para representar o reino de Deus na Terra e para cuidar dos bens de Deus que são as pessoas, a igreja, a família e o próprio corpo.

Receber de Deus o privilégio de atuar no ministério deve nos fazer valorizar a vida que temos. Certamente, não seremos ricos, mas teremos todas as nossas necessidades supridas pelo Senhor que nos chamou. Devemos nos lembrar de exercer com responsabilidade a função a nós confiada. “A obra de Deus não deve ser malfeita nem realizada de maneira desleixada. Quando um pastor entra num campo, deve trabalhá-lo completamente. Ele não deve ficar satisfeito com seu êxito, enquanto não puder, mediante diligente trabalho e a bênção do Céu, apresentar ao Senhor conversos que possuam um genuíno sentimento de sua responsabilidade, e que façam a obra que lhes é designada” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 369).

A consciência do chamado de Deus deve também fazer com que estejamos mais bem preparados a cada dia para a nossa função. Sabemos que o aspecto intelectual é importante, mas o primeiro aspecto dessa preparação é a parte espiritual. “Os ministros de Deus devem chegar

a um íntimo companheirismo com Cristo, e seguir Seu exemplo em todas as coisas – em pureza de vida, abnegação, benevolência, diligência, perseverança” (Ibid., p. 31).

“Há necessidade de homens de fé, que não somente puguem, mas ajudem ao povo. Homens que andem diariamente com Deus, que tenham viva ligação com o Céu, cujas palavras tenham o poder de levar convicção aos corações (Ibid. p. 33).

A responsabilidade espiritual do pastor é gigantesca. “Lembrem-se de que a falta de consagração e sabedoria de sua parte poderá fazer pender a balança para uma pessoa, levando-a à morte eterna. Vocês não se podem permitir descuido nem indiferença. Precisam de poder, e este, Deus está disposto a lhes conceder sem restrições (Ibid. p. 35).

## Certeza da recompensa

Deus nunca pediu nada de nós sem que nos tivesse dado algo antes. Quando pede a dedicação de alguém para o ministério, Ele Se responsabiliza pela capacitação e cuidado de todos os que se colocam em Suas mãos.

Além de capacitar e cuidar, Deus também recompensa. Em um texto escrito de maneira especial para os pastores, o apóstolo Pedro fez uma promessa divina: “Quando Se manifestar o supremo Pastor, vocês receberão a impercível coroa de glória” (1Pe 5:4).

Não há dúvidas de que, na eternidade, os salvos desfrutarão imensa felicidade. No entanto, acredito que a felicidade dos pastores será especial. Imagino-os recebendo muitos abraços e expressões de gratidão por parte de pessoas por eles guiadas a Cristo.

Imagino ainda o supremo Pastor, Jesus Cristo, fazendo mais um chamado a Seus copastores. Dessa vez, o chamado será para contemplar o fruto de tantos anos de esforços, lutas, suor e lágrimas. Uma incontável multidão de pessoas levadas a Cristo por meio de um ministro comprometido com o chamado feito por Deus. Vale a pena valorizar o chamado recebido de Deus e viver dedicando-se à salvação de outras pessoas. ▀



Pastor adventista em Decatur,  
Geórgia, Estados Unidos

# O milagre do espinho

*Lições da experiência de um homem apaixonado pela missão*

**T**odo pastor ministra no contexto de um problema. Até mesmo o apóstolo Paulo, que deixava boquiabertos os eruditos de seu tempo e cuja poderosa proclamação era impressionante, tinha um problema. Somente uma vez o ouvimos falar desse assunto, como se ele não fosse muito importante. Porém, essa única menção é muito semelhante à nossa prática atual de minimizar nossas lutas. Muitos pregadores vivem fora da realidade de seus problemas, porque são especialistas em ajudar outras pessoas a resolver os problemas delas.

Escrevendo aos cristãos coríntios, Paulo revelou seu doloroso problema: “foi-me dado um espinho na carne” (2Co 12:7). Esse “espinho” é entendido como sendo de natureza física, e lhe causava grande desconforto e sofrimento. Como pode alguém liderar e pregar em meio ao sofrimento?

Todos os pastores levam consigo algum tipo de sofrimento. Algumas vezes, eles são tentados a atribuir às pessoas a fonte desse sofrimento. Alguns acreditam que uma transferência para um novo lugar ou função poderia dissipar o problema. Mas, esse sofrimento não pode ser evitado por essa medida, porque ele está na carne, é pessoal. Paulo o descreveu como sendo também persistente. Disse ter pedido três vezes para que Deus o removesse, mas o Senhor não atendeu seu desejo. Como pode um pastor, bem-sucedido na oração intercessora em favor de muitas pessoas, administrar o fato de que seu próprio sofrimento deva persistir, embora tenha orado pela remoção dele?

Todos nós podemos experimentar fases de incômodo ou desconforto, mas o sofrimento de Paulo era crônico. Pior ainda, era permitido pelo próprio Deus que o havia chamado para pregar o evangelho. Paulo obe-

deceu e se ocupou em fazer avançar o reino de Deus. Assim, talvez, um dos benefícios desse trabalho devia ser a segurança contra o sofrimento. Entretanto, ele tinha que falar às pessoas a respeito de um Deus que lhe permitia sofrer pessoalmente, persistentemente.

## O verdadeiro problema

Podemos ser levados a crer que a dor do espinho de Paulo fosse o problema, porém, esse não era o real problema do apóstolo, assim como não é o nosso problema hoje. Na verdade, a dor era o antídoto para o verdadeiro problema. O problema potencial que todo pastor enfrenta é o sucesso de seu ministério. Ou seja, paradoxalmente, nosso maior perigo pode advir do fato de sermos poderosamente usados por Deus. Esse perigo pode vir dos sentimentos que nutrimos ao apresentar uma inspiradora mensagem, ser o convi-

dado especial para algum evento, ou ser nomeados para uma destacada função administrativa. O verdadeiro problema que Paulo enfrentava, e que todo pastor enfrenta, é o orgulho. Todo pastor deve lutar decididamente contra a tentação de se sentir superior à grandeza da mensagem.

Como pastor, devo admitir que esse é o meu problema. Em meu curto ministério como pastor ordenado, tenho tido oportunidade de pregar em diversos países, e há ocasiões em que a Divindade tem brilhado acima dos meus pobres manuscritos e inflamado o lugar com celebração e convicção. Frequentemente, tenho testemunhado o milagre de ver pessoas penitentes atendendo ao apelo da Palavra de Deus, em resposta ao que o Espírito Santo faz por meu intermédio. Reconheço que todo o louvor pertence a Deus, e que tudo é resultado do trabalho do Espírito Santo no coração e mente dos ouvintes. Entretanto, em muitos desses momentos de glória homilética, tenho sido tentado a roubar ou pelo menos partilhar a glória que pertence unicamente a Deus. Tenho sido tentado a crer que o poder que flui através de mim é originado em mim.

Esse inimigo interno frequentemente está comigo no púlpito. Há vezes em que uma luta invisível é travada, quando meu orgulho luta com o desejo que Deus tem de falar claramente a Seu povo. Nessas ocasiões, sinto que Deus está me pedindo que eu saia das anotações estudadas e ensaiadas, mas reluto em obedecer porque quero terminar o fraseado cuidadosamente elaborado. Às vezes, sinto que Deus está me dizendo para terminar o sermão mais cedo. Porém, argumento que ainda tenho algumas “pérolas” inteligentes para compartilhar. Assim, tristemente devo admitir, algumas vezes meu egoísmo acaba vencendo. Também tenho um espinho, e imagino que todo pregador o tenha.

O ego do pregador é frágil, facilmente alimentado pela oportunidade de que temos de exercer o ministério.

A proclamação pública coloca o mensageiro em uma situação instável porque, embora todo o louvor pertença a Deus, que lhe dá a mensagem a ser transmitida, as pessoas não podem ver nem tocar Deus. Elas veem e tocam o pregador. Respondem à mensagem divinamente inspirada, embora mostrem apreciação por um imperfeito e frágil mensageiro humano. Isso representa uma sedutora tentação de narcisismo para o pregador. Como resultado, muitos pregadores sofrem feridas emocionais e psicológicas que turvam a visão e a prática do ministério.

Infelizmente, por causa das expectativas sobre-humanas que temos em relação a nós mesmos ou nossa aceitação por parte dos ouvintes, negligenciamos o verdadeiro quebrantamento de nós mesmos, e começamos a curar nossa frágil e despedaçada autoestima com paliativos ministeriais. Isso nos permite pregar e liderar com a professa intenção de glorificar a Cristo, embora, na realidade, estejamos alimentando nosso orgulho e nossa autoestima, em um esforço subconsciente para tratar com nossas questões emocionais e psicológicas.

### Comparando e competindo

Lamentavelmente, a prática de comparar e competir às vezes também é usada no ministério, para alimentar nosso orgulho. Temos criado maneiras de medir nosso sucesso ministerial. Número de batismos parece ser o ponto de partida, edifícios são vistos como expansão do portfólio da igreja, além de outros critérios estatísticos. Usamos essas medidas para nos compararmos com outras igrejas competidoras.

Porém, esses instrumentos são inadequados e incongruentes com os princípios bíblicos. Embora devamos trabalhar pelo crescimento em número e em mordomia cristã da igreja, não devemos nos esquecer do critério empregado por Deus, segundo as palavras do apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 11:23-30. “São eles servos de

Cristo? – estou fora de mim para falar desta forma – eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes” (v. 23). Paulo define seu ministério pelo serviço prestado a Cristo, pelos desafios e sofrimentos enfrentados por causa de sua fidelidade ao chamado. Ele enumera esses desafios e perigos: “Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; supor-tei frio e nudez” (v. 24-27).

A sombria lista é concluída com estas palavras: “Se devo orgulhar-me, que seja nas coisas que mostram a minha fraqueza” (v. 30). Paulo media seu êxito pastoral pelas feridas, enquanto nós nos medimos por nossas estrelas conquistadas.

As experiências atuais parecem estar em oposição direta à experiência de Paulo e de muitos outros pregadores do Novo Testamento, os quais frequentemente eram ameaçados de morte. Diferentemente do que ocorre no atual contexto de celebridade, a popularidade e a aceitação do mensageiro não eram o foco. A definição do desempenho pastoral deve ser fidelidade ao comissionamento que o Senhor nos deu. Para isso, Deus pode até mesmo permitir que sejamos atingidos por dolorosos espinhos.

De acordo com Paulo, o espinho é descrito como “mensageiro de Satanás” (2Co 12:7), o que suscita uma intrigante questão: Quem é responsável pelo espinho? Parece que o apóstolo culpa Satanás por atormentá-lo com esse espinho. Entretanto, ele mesmo diz que o espinho é necessário para

mantê-lo humilde. Seria esse espinho agente de Satanás ou de Deus? Tanto Deus como Satanás podem usar espinhos em nossa vida. Na vida de todo pregador, existem dolorosas realidades que o inimigo usa para desanimá-lo e silenciá-lo. O espinho representa alguma coisa que nos causa grande ansiedade ou dor, bem como sentimento de insuficiência.

O inimigo usa esses espinhos para nos convencer de que não somos suficientemente bons, usa-os para nos dizer que somos inúteis. Em 2 Coríntios 12:7, a palavra traduzida como “atormentar” é *kolaphizo*. Essa palavra comunica a ideia de receber um soco no rosto. Isso pode se tornar um sentimento persistente e esmagador em nossa mente. Pode nos fazer sangrar internamente com dúvidas, enquanto estamos no púlpito ou liderando comissões. Pensamentos persistentes de dúvida podem fazer com que o pregador sintam que é incapaz de cumprir suas tarefas ministeriais. Jamais seremos suficientemente bons ou dignos de nosso chamado. Isso é verdadeiro, mas precisamos ficar atentos. O inimigo pode usar esse pensamento para nos fazer desanimar e nos levar à renúncia da nossa vocação.

### Por quê?

Deus permite esse espinho em nossa carne a fim de nos mostrar nossas fraquezas e debilidades. A pretensão que o inimigo tem de nos desencorajar tem o potencial de nos humilhar. Humildade é a verdadeira posição de poder. Quando a experimentamos, as barreiras do egoísmo e das agendas humanas são derribadas, abrindo caminho para que Deus seja revelado em nós. A verdadeira grandeza é sempre atingida pelas pessoas que não buscam a glória pessoal. Essa é a razão pela qual frequentemente Jesus falou sobre humildade e a exemplificou na própria vida. Ela sabia que o orgulho foi o pecado original no Céu e a cura única para ele é a humildade.

Jesus Cristo permite os espinhos a fim de colocar Paulo e todos os

demais pregadores na posição de poder espiritual. Charles Spurgeon é conhecido como um dos maiores pregadores de sua geração. Seu espinho foi uma dolorosa enfermidade que o manteve muito depressivo. Martin Luther King Júnior foi um dos homens mais influentes do século 20. Porém, foi constantemente incompreendido por pessoas de sua própria etnia e por muitos outros norte-americanos. O espinho parece ser marca registrada de todo pregador que busca transformar o mundo por meio da Palavra. Todos os pregadores de Deus têm espinhos.

A fé resoluta do apóstolo Paulo, mantida depois de aplicar a remoção do espinho, pode ser atribuída à sua compreensão do uso da palavra “espinho” no grego clássico. A palavra *skolops*, traduzida como “espinho”, é utilizada apenas uma vez em toda a Bíblia. Entretanto, no grego clássico, essa palavra significa uma estaca usada para prender uma barraca no solo. O fato de Paulo ter sido fabricante de tendas não é coincidência. Ele usou essa palavra para nos dar a ideia do propósito do espinho em nosso ministério, ou seja, servir como estaca para manter o pregador em seu lugar. Paulo sabia que, sem a estaca, a tenda podia ser atirada para longe, por fortes ventos e tempestades.

Assim, o espinho age como estaca, firmando-nos em nosso lugar, de modo que não sejamos jogados para longe pelos inesperados incômodos do ministério. Deus sabe que, se não fosse meu espinho, eu teria deixado que as demandas do trabalho arruinassem meu casamento. Se não fosse o espinho, eu teria deixado o ministério, sob a amargura do tratamento injusto. Mas o espinho me mantém no lugar em que devo estar. Ele me leva ao terreno da fervorosa e constante oração e me lembra de que nada sou além de pó. O espinho me convida a ficar calmo e me faz saber que Ele é Deus (Sl 46:10). O milagre do espinho é que justamente aquilo que eu peço que Deus

remove é o instrumento que Ele usa para salvar meu ministério.

Finalmente, existem duas realidades que salvam da destruição o ministério do pregador: espinho e graça. O espinho nos humilha, a graça nos anima. A resposta para nosso orgulho ministerial é o espinho representado pelas limitações e situações dolorosas que enfrentamos. Deus respondeu a Paulo, dizendo-lhe que o que ele mais precisava não era a remoção do espinho, mas mudança de foco, ou seja, tirar a atenção do sofrimento do pregador e centralizá-la no propósito de Deus. As fraquezas pastorais têm o potencial de revelar o poder divino. A verdade é que os pregadores não têm que ser super-homens. Não temos que estar cem por cento bem todo o tempo. Também podemos ficar mal, lutar e chorar. Nosso espinho nos revela a graça de Deus. Assim, há um inerente chamado para que todos os pregadores aceitem seu ministério “espinhoso”. Disse Paulo: “Quando sou fraco é que sou forte” (2Co 12:10). Nossa força não advém de escondermos nossas inseguranças, nossos descontentamentos e aflições, mas de confessá-los. Nossas congregações e a comunidade precisam compreender que somos seres humanos, pregamos e lideramos entre nossos espinhos.

A carta de Paulo aos coríntios é um ato de confissão pública. Ele sabia que jamais subjugaremos o que não confessarmos. Seu exemplo para todo pregador é viver na autenticidade das próprias limitações humanas. Assim, devemos confessar o orgulho que procura minar nossa pregação. Aceitar o fato de que nosso ministério deve apenas e tão somente revelar a glória de Deus. Lembrar-nos de que fidelidade é a verdadeira medida do sucesso ministerial. Deixar de lado a fachada e ser condutos imperfeitos da graça de Deus.

Portanto, preguemos, ministremos e lideremos com nossos espinhos. Ao assim fazermos, em humildade e com a graça de Deus, nosso problema se tornará nosso poder! ▀



# Sem medo de ser você

*Fomos criados por Deus e Ele pode nos ajudar para que nos conheçamos melhor e mais profundamente. Ele sabe o que nós significamos para Ele*

**A** caso, você já se sentiu como se estivesse usando máscara? Às vezes, ao estar com os membros de sua igreja, conversar com líderes da Associação ou colegas, talvez você imagine que deva ser diferente do que realmente é, a fim de que seja aceito ou reconhecido. Ou seja, em vez de ser quem realmente é, você constantemente está representando um papel, porque precisa se “encaixar” ou para impressionar os outros.

Em algum período da vida, a maioria de nós já passou por momentos assim. Às vezes, algumas pessoas vivem sempre assim. Em vez de agir de modo genuíno, verdadeiro, dizemos às pessoas o que elas querem ouvir e até mesmo agimos de maneira contrária ao nosso modo de ser. Não vivemos de modo autêntico.

Viver e trabalhar dessa forma é cansativo, desanimador e limitante. Caso você sinta ou pense uma coisa e seu comportamento reflita outra, você vai acabar enveredando pelos caminhos da incongruência, e sentirá uma dissonância que, certamente, o incomodará com o passar do tempo. Finalmente,

você chegará a um ponto em que terá que tomar uma atitude em relação a isso, a fim de que possa entrar em harmonia interna. Se continuar sendo incongruente, há grandes chances de você adoecer física e mentalmente. Obviamente, vivendo desse modo, você será impedido de desenvolver e alcançar todo o seu potencial.

O oposto dessa experiência é viver e trabalhar com autenticidade. Quando damos a nós mesmos a permissão de ser quem somos, podemos viver livres das ideias e expectativas dos outros. Podemos escolher nosso caminho na vida. Ser autêntico significa que nosso comportamento deve refletir o que pensamos e sentimos. É viver de acordo com os próprios valores e objetivos (pressupondo que eles estejam em consonância com a Palavra de Deus), em lugar daqueles das outras pessoas, ou das pressões sob as quais você se encontra. Assim, você é honesto consigo e com os outros, assume a responsabilidade por tudo o que faz. Seus valores, ideais e ações estão alinhados. Por isso, você assume a responsabilidade.

### Empecilhos à autenticidade

Neste mundo, a vida nos leva a não ser autênticos. Pensamos que, se nos escondermos atrás de máscaras, estaremos protegidos de ataques, decepções, frustrações e dores. O mundo nos cobra mais do que podemos dar. Então, para nos conformarmos a isso, vamos tentando ser quem não somos. Quando Jesus disse: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos Céus” (Mt 18:3), Ele nos chama a ser verdadeiros, espontâneos, autênticos como as crianças.

Infelizmente, a fim de agradar os adultos, à medida que cresce, a criança vai aprendendo que não pode ser exatamente como é. Ao chegar à idade adulta, ela deixa de ser autêntica pelo medo de errar – cobra muito de si mesma a perfeição e, muitas vezes, fica paralisada com medo de arriscar e errar. Por incrível que pareça, aprendemos mais com nossos erros do que com os acertos. Somente aquele que erra e usa essa experiência como aprendizado, meio de crescimento, é bem-sucedido.

Outra razão pela qual a criança deixa de ser autêntica é o medo de ser diferente. Ora, ninguém é igual a outro. Precisamos encarar o fato de que somos únicos e especiais aos olhos de Deus. Uma terceira razão é a falta de autoconhecimento. Usando máscaras, acabamos nos perdendo de nós mesmos e, muitas vezes, nem sabemos quem realmente somos. Há também a falta de planos ou metas. Para onde estamos indo? Quem não elabora planos, fica parado, esperando para ver aonde todo mundo vai, então, segue atrás. Finalmente, existe a impulsividade. A pessoa impulsiva não pensa sobre o que vai fazer ou falar. Simplesmente age e, com frequência, arrepende-se em seguida. A pessoa impulsiva é altamente responsável a tudo, sem crítica, sem censura, não tem autocontrole, que é adquirido quando conhecemos a nós mesmos.

### Por que ser autêntico

Não é fácil viver com autenticidade, especialmente com todas as cobranças para nos ajustarmos a determinado perfil, agirmos de determinada maneira, “como todos fazem”, ou convivermos com a sentença: “Se você for assim, nunca sairá de onde está.” Muitas vezes, ser autêntico significa que alguém segue na direção contrária à que todos vão; ou seja, a pessoa está em evidência, mas de modo impopular. Isso abre a essa pessoa a possibilidade de ser machucada por outras e de ter que andar pelo caminho mais difícil. Para você, talvez isso signifique perder algumas oportunidades, levar mais tempo para alcançar o objetivo. Entretanto, em longo prazo surgirão mais oportunidades que não apareceriam se você continuasse usando máscaras, vivendo em conflito consigo mesmo, inseguro, vacilante.

Viver com autenticidade é muito mais compensador que uma vida no esconderijo das máscaras. Sendo autêntico, você não tem que se preocupar com o que diz, para quem diz, com seu modo de agir, desde que faça tudo certo. Viver com autenticidade sig-

nifica ter motivações certas e poder confiar nelas, para se fazer o que faz.

Sendo autêntica, a pessoa se desenvolve melhor, porque tem características como, por exemplo:

*Confiança e respeito.* Quando você é verdadeiro, sem máscara, não apenas confia no seu julgamento e suas decisões, mas as outras pessoas confiam em você, respeitando-o pelo fato de ser transparente em seus valores e crenças. Você não muda de opinião, apenas para estar bem com os demais.

*Integridade.* Autenticidade também implica integridade. Você não hesita em fazer o que é certo. Quem você é, o que faz e no que acredita, tudo isso está alinhado. As pessoas sabem o que esperar de você.

*Habilidade para resolver problemas.* Quando você é honesto consigo mesmo e com outros, você tem abertura e força para lidar rapidamente com os problemas. Não procrastina, fazendo de conta que nada está acontecendo, esperando que outros se manifestem para, somente então, tomar alguma posição.

*Realização do potencial.* Quando você acredita em si mesmo, em sua vocação e faz o que sabe ser certo, você realiza todo o seu potencial naquilo a que se propõe fazer, em vez de deixar que outros ditem o que é melhor para você. Isso significa que você tem o controle de seus atos e decisões.

*Autoestima.* Sendo autêntico, genuíno, você desenvolve autoconfiança para tomar decisões certas. Isso fortalece a autoestima, tornando-o mais otimista e de bem com a vida.

*Controle do estresse.* Imagine como você se sentiria, caso não carregasse diariamente o peso das máscaras, se fosse verdadeiro e agisse de acordo com isso. Imagine-se livre de pensar, durante todo o tempo, em como agradar outros ou fazer o que pensa que o outro quer que você faça. Como seria sua vida, sem a preocupação de manter sempre uma fachada? Sem dúvida, ser autêntico é muito menos estressante do que ser quem você não é.

Fomos criados por Deus e Ele pode nos ajudar para que nos conheçamos e nos compreendamos melhor e mais profundamente. Ele é o primeiro a Se interessar e Se preocupar com nosso desenvolvimento. Sabe o que nós significamos para Ele. Todo pai fica feliz com o desenvolvimento sadio dos filhos. Semelhantemente, Deus, nosso Pai, também Se agrada quando Seus filhos seguem os planos que Ele estabeleceu. Nosso Pai nos ama e nos aceita. Ele nos ajuda a crescer à Sua imagem e semelhança. Devemos buscar e pedir Sua ajuda. Desenvolver autenticidade é um processo da vida inteira. Você tem que desejar entrar nele e, com a ajuda de Deus, se tornar a pessoa que Ele deseja. ▀

### FAÇA O TESTE: VOCÊ É AUTÊNTICO?

Pegue uma folha de papel, ou use o computador. Gaste tempo fazendo e respondendo as perguntas. Não faça isso mentalmente; invista tempo em você. Escreva ou digite suas respostas, para que volte a elas, reflita e se desenvolva mais como a pessoa que Deus quer.

Escreva uma lista de características suas que acessem pelo menos três destas áreas: Competências e talentos, caráter, fraquezas e limitações, humor, intelecto, aparência física, criatividade, relacionamento com outros. Quem é você?

Comparar-se com outros é uma característica muito humana, mas pouco sábia. “Não temos a pretensão de nos igualar ou de nos comparar com alguns que se recomendam a si mesmos. Quando eles se medem e se comparam consigo mesmos, agem sem entendimento” (2Co 10:12). Você se percebe comparando-se com outros? Por que acha que faz isso? Quais são os resultados dessa comparação? O que você pode fazer para vencer esse hábito?

Quando pensa sobre si mesmo, pelo que você realmente se sente grato a Deus?

Todos nós temos habilidades e limitações. Paulo falou sobre uma limitação pessoal, permitida por Deus (ler 2Co 12:7-10). De que maneira ele reagiu diante da negativa de Deus em retirar a limitação? Como você reage por não ter removida uma limitação pessoal? Acaso, Paulo se sentiu restringido ou impossibilitado em seu serviço a Deus? No seu caso, como é? De que maneira você pode agradecer a Deus pela limitação que Ele permite em sua vida, seja ela física, intelectual, lembrança do passado, herança familiar e outras? O que você pode aprender sobre você, por meio desse agradecimento?





Professor de Aconselhamento Familiar, na Universidade de Loma Linda, Estados Unidos

# Priorizando a satisfação familiar

*Como afastar os intrusos que trabalham contra a harmonia entre a felicidade da família e o trabalho do pastor*

**O** chamado ao ministério pastoral pode ser uma das experiências mais plenas e recompensadoras que alguém pode ter. Porém, esse mesmo chamado pode ser muito desafiador e perigoso. Especificamente, o dia a dia de um pastor pode ter grandes efeitos negativos sobre sua vida pessoal, familiar e seu casamento. Para alguns, isso pode não ser novidade, mas a impotência que persegue muitos pastores enquanto eles tentam fugir das minas terrestres ao redor de seu casamento e família deixam muitos feridos e mutilados.



Mas, antes que alguém me considere pessimista, devo dizer que me alegro muitíssimo com as gerações de pastores que têm compartilhado nesse abençoado trabalho a salvação comprada pelo sangue de Cristo, e a capacitação do povo de Deus para a vida de serviço. Muitos deles batizam em nome da Divindade, dedicam crianças a Deus, sepultam santos que descansam em Jesus, animam muitos que estão desencorajados, oficiam a união de casais felizes, desafiam jovens a viver por Cristo, pregam fervorosos sermões, e mais, muito mais. O ministério pastoral é uma vocação extraordinária! Diante disso, somos levados a perguntar: Acaso pode haver alguma coisa negativa em tão nobre chamado? Pode haver algum perigo em sua execução? Sim, pode. De fato, há muitos perigos!

### Fatores de estresse

Poucos anos atrás, tive a oportunidade de estudar sobre famílias pastorais, e achei fascinante fazer isso. Muitas dessas famílias partilham cinco principais fatores de estresse: mobilidade, baixa compensação financeira, elevadas demandas, baixo apoio social e intromissão nos limites familiares.

Em muitas denominações, os pastores mudam frequentemente de uma igreja para outra e de uma cidade para outra. Essas mudanças envolvem rompimento de laços familiares, contatos sociais, amizades e instituições sociais que ajudam na sobrevivência e no bem-estar. Esposa e filhos podem ter que se separar do trabalho e da escola, para que a transição seja relativamente pacífica.

Com respeito à remuneração, em algumas regiões do mundo o pastorado está entre as de menor nível, em relação a outras ocupações. Embora esteja no topo com respeito ao nível educacional, os pastores estão inferiorizados na escala salarial. Na verdade, ocupam o 325º lugar entre 432 ocupações. O chamado ao ministério frequentemente pressupõe voto de po-

breza. Essa vocação que demanda certo estilo de vida parece ser incompatível com a capacidade que tem o pastor de mantê-lo. Por essa razão, a família tende a ser financeiramente restringida, o que tem sérias implicações para a satisfação conjugal e à estabilidade emocional.<sup>1</sup>

*“Entre outras coisas, o chamado divino inclui um modelo de cuidado próprio e da família do pastor”*

As exigências que envolvem tempo representam grande desafio para os pastores. Enquanto tenta dividir o tempo entre família, igreja local e a organização, ele corre em muitas direções e algumas coisas ficam desatendidas. Muitas vezes, a família é negligenciada. O efeito de trabalhar 24 horas por dia é grosseiramente subestimado. Isso pode minar a constituição física, emocional e espiritual do pastor e roubar de seu casamento a vitalidade que pode ser sustentada apenas por investimento de tempo qualitativo e energia. As falhas públicas e particulares dos pastores testemunham, em parte, a angústia das demandas de tempo.

Apoio social é uma questão fundamental para os pastores. Um dos enganos mais sutis do ministério é a crença de que, pelo fato de os pastores trabalharem com pessoas e estarem sempre com elas, as necessidades sociais deles sejam automaticamente satisfeitas. Mas, a realidade do ministério frequentemente é contraditória à satisfação de necessidades sociais. Se tal satisfação envolve interação caracterizada por abertura, desafio, responsabilidade, permanente amizade recíproca, posso dizer que o ministério, conforme é praticado, não permite essa interação entre o pastor e os membros da congregação, e outras pessoas.

### Pedestal e “antifraternização”

Uma característica do ministério pastoral é descrita por alguns como “norma de ‘antifraternização’”.<sup>2</sup> Essa norma impede o pastor de ter amigos íntimos. Os relacionamentos são passageiros e as necessidades emocionais do pastor e família não são satisfeitas no contexto geral. Outra característica do ministério é conhecida como “efeito pedestal”. Frequentemente, o pastor é promovido por sua congregação e se afasta da experiência humana comum. O pastor valoriza e busca essa promoção e, assim, não experimenta muito do relacionamento com a congregação. Até mesmo o estabelecimento de um relacionamento terapêutico para ajudar na solução de um problema emocional ou familiar tem-se mostrado ameaçador para muitos pastores. A linha que separa o pastor de seu trabalho é, na melhor das hipóteses, muito vaga.

O pastor e sua família “pertencem ao povo” e têm pouco espaço físico e emocional para viverem livres de restrições, expectativas, exigências e julgamento sobre eles. A intromissão no espaço particular pode causar sérios efeitos no pastor e na família dele. Viver numa “casa de vidro” pode criar uma hipervigilância debilitadora que mantém o pastor em um desgastante estado de alerta.

Minha tentativa de testar os efeitos desses estressores na satisfação conjugal, paternal, bem como na satisfação do cônjuge iluminou o assunto em análise. Quando os fatores de mobilidade, compensação, exigências de tempo, falta de apoio social e intromissão nos limites familiares foram colocados num modelo de estatística, revelaram-se influenciadores na satisfação conjugal, paternal e na satisfação do casal. Em uma observação mais atenta, a intromissão nos limites familiares e o apoio social pareceram ser apenas os únicos fatores de influência na satisfação conjugal do clérigo e esposa.

Analisemos, agora, algumas questões que podem ser abordadas pelos

pastores e administradores, a fim de ajudar a maximização da satisfação familiar pastoral. Com isso, quero dizer que o pastor deve assumir a responsabilidade pessoal de gerenciar essas questões, tendo em vista fins positivos. A família deve se engajar em medidas de proteção, a fim de assegurar que seus limites não sejam comprometidos, além de administrar outros fatores estressores que enfrentam. Os administradores da Igreja, nas instâncias superiores, também devem estabelecer medidas de proteção e procedimentos que minimizem os impactos negativos sobre o pastor e família.

### Vasos de barro

Receio que, no treinamento de homens para o ministério, pouco seja discutido sobre as maiores exigências sistêmicas da vida ministerial, que podem ser potenciais para desestabilização pessoal e familiar. Nesse contexto, há o pensamento enganoso de que ajudar outros seja mais importante do que cuidar de si mesmo e da família. Sei o que você pode estar pensando: “Isso não acontece comigo. Na verdade, nunca acontecerá.” Nesse caso, agradeço por você ajudar a ilustrar o argumento que pretendo desenvolver. Somos muitos desatentos a isso. Podemos continuar falando sobre o enigma da invulnerabilidade, dúvida sobre relacionamentos, sentimento de culpa por não trabalhar mais, identidade com base no fazer em vez de ser, e a perpetuação do mito de perfeição na vida, no trabalho e na família. Nesse contexto, essas são questões sistêmicas e todas têm relação com casamento e família.

Se algo tem que mudar para o pastor e família, tem que ser uma conscientização teológica do cuidado de si mesmo e da família. De outro modo, lutaremos eternamente com a mesma questão de negligência de si mesmo e da família, que leva a desastrosas consequências para a vida, a saúde e o bem-estar de todos. Isso não faz parte do chamado divino. Esse chamado inclui um modelo de

cuidado próprio e da família, entre outras coisas, e demonstração de como carregar a verdade de Deus “em vasos de barro”, enquanto vivemos em um mundo real. Perfeitamente? Jamais! Porém, a luta é em si mesma o maior testemunho do poder de Deus que se aperfeiçoa na fraqueza.

### Responsabilidade do pastor

Alguns modelos de vida ministerial levam o pastor a trabalhar em um ambiente hostil à prosperidade do casamento e da família. O pastor que se mantiver à distância das pessoas, pintando-se como super-homem invulnerável, não desfrutará relacionamento nutritivo mútuo e sofrerá isolamento e solidão, entre outras coisas, embora trabalhe entre grande número de pessoas.

Proponho que o modelo de “chefe executivo” (CEO) de liderança pastoral não seja apropriado. O pastor não é o CEO de uma corporação, mas uma pessoa colocada entre outras pessoas, para ensinar e exemplificar a vontade de Deus. O relacionamento pastoral é mais de amizade com a congregação, o que facilita a construção de uma comunidade autêntica. Nessa comunidade autêntica, pastor e esposa podem viver e crescer com outros casais, encorajando-se, apoiando-se e desafiando-se mutuamente nesta jornada chamada vida.

Imagino que uma resposta à ideia anterior seja que essa amizade deve ser encontrada em outros lugares e entre seus pares. As conversas entre pastores não são usualmente a respeito de nutrição emocional mútua. Creio que, se o ministério for exercido como Jesus fazia, alguns dos atuais desafios possam ser anulados ou se tornar mais administráveis. Jesus se aproximou de homens e mulheres durante Seu ministério, e derrubou os muros de separação e hipocrisia que havia entre os escribas intelectuais, os filósofos saduceus e o “povo comum”.

A falta de apoio social nutridor tem significativas implicações sobre a nutrição paternal e conjugal. Um

casamento necessita de comunidade, assim como esse tipo de parceria necessita de tempo para florescer. Isso pode acontecer com os clérigos na congregação. Os filhos podem se alegrar com o pedestal por algum tempo, mas logo começarão a se revoltar contra a pressão da “casa de vidro”. Com apropriados limites, esse modelo sugerido pode servir a grandes objetivos.

*“Necessitamos honrar a família, vendo como inimiga qualquer coisa que ameace substituí-la como primeiro objetivo de nosso afeto e atenção”*

### Desafio das esposas

Pode ser difícil desafiar as esposas dos pastores a assumir responsabilidade pessoal pela satisfação conjugal e paternal. Muitas delas sentem com se fosse um sacrilégio desafiar o envolvimento no trabalho do pastor e exigir dele maior participação na vida familiar. “Como ousarei fazer isso?”, é a pergunta que brotará, diante de tal desafio. Então, mais do que solução, isso é parte do problema. Pelo fato de o chamado ministerial ser considerado intocável (o “efeito pedestal”), frequentemente a esposa sofre em silêncio e lentamente desenvolve atitudes negativas em relação ao ministério e ao Deus do pastor. Algumas vezes resvala para o cinismo e ódio em relação ao chamado e tudo o que for associado a ele.

Conforme disse alguém, “se você faz o que sempre tem feito, conseguirá o que sempre tem conseguido”. Não posso culpar ninguém aqui, mas muitas esposas precisam ser ensinadas a se levantar contra as forças que ameaçam seu casamento e vida familiar, e ajudar o esposo pastor a traçar os limites que preservam a integridade dos relacionamentos conjugal e paternal. Elas necessitam ver o pastor

como uma pessoa real, com inclinações comuns aos seres humanos, e que necessita ser desafiado muito frequentemente. Fazendo assim, elas estabelecerão o tom alegre de sua união.

Os pastores necessitam refletir profundamente sobre suas opiniões e filosofia sobre a intromissão nos limites da família, e investir bastante tempo e energia até que sejam vitoriosos. Em certo sentido, o pastor pode ter a melhor agenda entre outras profissões, mas essa questão nem sempre é soberana. O pastor bem com a esposa têm que priorizar os limites da família ou ela será grandemente prejudicada. Nossos filhos podem ser negligenciados enquanto visitamos fielmente outras famílias. A geração mais jovem de casais pastorais necessita saber que eles devem estabelecer hábitos positivos o mais cedo possível.

### **O papel dos administradores**

No trabalho do pastor, transferências de uma igreja para outra são inevitáveis. Não me oponho a essas mudanças pastorais que ajudam a estabelecer a igreja em vários lugares. Em minha experiência, aceitei toda mudança como sendo um chamado e estive pronto para marchar segundo as ordens superiores. Porém, penso que muitas vezes as mudanças são feitas sem a mínima consideração sobre os desafios e possíveis perturbações ao equilíbrio pessoal, familiar e congregacional. A esposa do pastor dificilmente é considerada, muito menos consultada, na ocasião da transferência.

Tais mudanças podem afetar as ligações emocionais, a estabilidade profissional, os planos educacionais da esposa e dos filhos, além do ministério da própria esposa, entre outras coisas. Uma transferência pode ter significado totalmente diferente para o pastor. Por exemplo, pode representar uma chance de reciclar habilidades e sermões em outro lugar, afastar-se dos problemas da igreja anterior, ser “promovido” para uma igreja maior. Mas, tudo isso pode não ter significado para a esposa.

Os líderes do Campo podem fazer maior bem, ao considerar as necessidades de toda a família nessas mudanças; trabalhar para criar significado compartilhado com as esposas bem como ajudá-las na adaptação ao novo ambiente. Embora as mudanças sejam inevitáveis, elas podem ser mais bem recebidas pelas esposas, caso suas necessidades também sejam consideradas. Os administradores podem ser mais intencionais em estabelecer planos de trabalho e diretrizes que permitam ao pastor estar presente no lar, visando ao fortalecimento e crescimento familiar.

Não faz muito tempo, ao conversar com um grupo de pastores a respeito dos desafios ao bem-estar da família pastoral, ouvi de um deles, recém-casado, o seguinte: “Desde que me casei, ainda não pude me sentar ao lado de minha esposa na igreja.” Se isso for verdadeiro, sugere uma cultura ministerial que coloca o interesse pelo bem-estar dos membros da congregação acima do interesse pelo bem-estar da esposa, e que, ao ministrar, o pastor não deve ocupar a mente com as necessidades e o conforto da esposa. Se procurarmos ouvir sobre o ponto de vista da esposa a respeito do ministério e o impacto que ele exerce sobre ela todos os dias, inclusive o sábado, as revelações nos farão pensar seriamente. Lentamente, mas com certeza, muitas das esposas acabam por desprezar as coisas que afastam delas o cônjuge, sendo por causa disso tentadas a reduzir microscopicamente o significado do ministério.

Necessitamos remar contra essa maré e criar uma experiência mais rica, nascida da valorização, do respeito e honra à família, vendo como inimiga qualquer coisa ameace substituí-la como primeiro objetivo de nosso afeto e atenção, embora amemos o povo de Deus e devam trabalhar pela salvação dele.

### **Conselhos oportunos**

Concluo, deixando aqui alguns conselhos aos casais pastorais:

- Planejem sua vida e seu trabalho

de modo a assegurar-se de que a esposa e a família tenham o melhor do seu tempo e energia. Construam memórias em lugares especiais, fazendo algo agradável juntos. Façam com que os momentos passados na igreja sejam especiais para a esposa e os filhos. Sua congregação ficará feliz e entusiasmada ao ver como vocês se tratam na igreja. Os membros podem esquecer o sermão, mas não se esquecerão disso.

□ Aprendam a desenvolver habilidades de administração financeira, e coloquem-nas em prática no lar, a fim de evitar dificuldades nessa área.

□ Criem uma cultura de vulnerabilidade a seu respeito. Não deem a impressão de que estão acima de tudo e de todos. Sejam autênticos. Falem sobre seus desejos e lutas para ser o melhor esposo e pai, a melhor esposa e mãe, que desejam e podem ser. Peçam orações aos irmãos em seu favor e orem em favor deles.

□ A esposa do pastor deve ter identidade própria. Deve se envolver no próprio chamado, em vez de depender que a igreja o indique. Isso a protegerá contra alguns efeitos negativos da vida na igreja.

□ Cultivem amizades. Nossas necessidades sociais devem ser satisfeitas. A interação com amigos nos deixa sempre bem-humorados. Ao lado disso, seja o melhor amigo de sua esposa.

□ Estabeleçam limites saudáveis em torno de seu casamento. Desfrutem ao máximo seu dia de descanso. Resistam a toda intromissão em seu espaço privativo familiar.

□ Não se deixem iludir com pressupostos. Comuniquem-se. Falem, ouçam e observem. O casamento e a família são maravilhosos presentes de Deus. Apreciem-nos! Pratiquem a mordomia familiar. Os dividendos dessa prática extrapolam os limites deste mundo. ▀

#### *Referências:*

<sup>1</sup> D. Mace e V. Mace, *What's Happening to Clergy Families?* (Nashville, TN: Abingdon, 1982).

<sup>2</sup> T. Blackbird e P. Wright, “Pastor’s Friendship: Project Overview and an Exploration of the Pedestal Effect”, *Journal of Psychology and Theology* 13 (1985), p. 274-283.



Capelão associado da  
Universidade Andrews,  
Geórgia, Estados Unidos

# Podemos conquistar Jericó

*O caminho para superar modernos desafios e evangelizar as grandes cidades*

**D**epois de vaguear quarenta anos pelo deserto, os israelitas finalmente chegaram aos limites da Terra Prometida. Porém, diante deles estava o que parecia ser um intranponível obstáculo: a fortificada cidade de Jericó. O desafio parecia insuperável, mas Deus havia prometido a Josué: “Saiba que entreguei nas suas mãos Jericó, seu rei e seus homens de guerra” (Js 6:2).

Aparentemente, a tarefa era imensa. Uma cidade murada, habitada com pessoas que pareciam gigantes, imobilizava os apreensivos israelitas. O relatório negativo, prestado pelos espias enviados por Moisés quarenta anos antes, ainda parecia incólume no caminho de Israel. E, depois de quarenta anos, os gigantes haviam gerado mais gigantes. A cidade de Jericó parecia impenetrável. Como poderia o povo de Deus tomar aquela grande cidade?

À semelhança dos israelitas, o atual povo de Deus está nos limites da celestial Terra Prometida, com a

missão de fazer discípulos de todas as nações. Porém, assim como aconteceu com o antigo povo de Deus, há desafios insuperáveis diante de nós.

Estatísticas atualizadas nos informam que o maior percentual da população vive em grandes cidades. Setenta e quatro por cento da população dos países desenvolvidos e 44% dos residentes nos países em desenvolvimento vivem nas áreas urbanas. A expectativa é de que, por volta do ano 2050, 70% da população sejam urbanos e que maior crescimento urbano ocorra nos países em desenvolvimento.<sup>1</sup>

Assim, a igreja deve focalizar sua atenção nas grandes cidades, tendo em vista o cumprimento da grande comissão. Mas o desafio parece imenso, e o número de habitantes, muito elevado. Quais são os muros e os gigantes que enfrentamos em nossos esforços para alcançar os habitantes das grandes cidades com a pregação do evangelho?

## Muros e gigantes

Em muitos países, a sociedade tem experimentado significativos avanços em direção à igualdade racial. Mas, o abismo entre ricos e pobres ainda permanece grande. Pesquisas indicam que os ricos vivem próximos, enquanto os pobres continuam agrupados em grandes segmentos periféricos das áreas metropolitanas das maiores nações.<sup>2</sup> Escolas públicas são mais segregadas, hoje, do que nos anos 60.<sup>3</sup> A desigualdade salarial tem alcançado níveis cada vez mais altos em todo o mundo. No topo, 1% controla 40% do salário, enquanto no grau mais baixo, metade da população partilha apenas 1.1% da riqueza do mundo.<sup>4</sup> Em todo o mundo as cidades estão exibindo essa disparidade.

Atualmente, as cidades são as áreas mais cosmopolitas do mundo, com maior diversidade entre seus habitantes, nos aspectos racial, cultural, religioso e econômico. Algumas cidades estão claramente divididas em vários

territórios culturalmente, racialmente ou religiosamente fechados. Alguns têm grande número de trabalhadores inexperientes e desempregados, com sistema educacional pobre e muita falta de instrução. Outros são altamente sofisticados com habitantes bem educados, profissionais especializados e acostumados a desfrutar boas coisas da vida material.

As recentes mudanças governamentais, produzidas pela “Primavera Árabe”, expuseram muitas dessas disparidades. A mídia social tem conectado as grandes cidades do mundo com informação instantânea e acesso a muitos pontos de vista, ideologias e filosofias opostos ao cristianismo. Vilas e povoados habitados por muitos cristãos têm visto e experimentado completa mudança étnica, cultural religiosa e econômica. Como enfrentar esses diversos e crescentes desafios?

No Ocidente, o cristianismo já não desfruta do mesmo encanto que uma vez desfrutou. Durante muitas décadas, conforme descreveu um autor, “a média das pessoas tinha valores que eram marginalmente judaico-cristãos; jamais havia encontrado um budista ou muçulmano, nem questionava se a verdade existia ou podia ser conhecida”.<sup>5</sup> No século 21, isso já não corresponde à realidade. O conhecimento bíblico mais elementar praticamente não existe. Alguns anos atrás, dois admiradores do futebol viram um *outdoor* apenas com a inscrição: “João 3:16”, impressa em cores. Desconhecendo totalmente o anúncio como texto bíblico, pensaram que se tratava da propaganda de um novo restaurante.

A crença em Deus e a compreensão dEle são conceituadas por meio de muitas lentes filosóficas e religiosas, à parte do cristianismo. Rapidamente, o mundo ocidental está se tornando “pós-cristão”, e os princípios do pensamento pós-moderno, que uma vez eram apenas enfeites, têm impregnado nossa cultura e se tornado normais”.<sup>6</sup>

Como no caso de Israel, também temos alguns gigantes criados por nós

mesmos. Enquanto nossa igreja cresce rapidamente em outras partes do mundo, no Ocidente ela está atrofiando. Dos mais de 17 milhões de adventistas no mundo, apenas 8% estão na América do Norte,<sup>7</sup> e ainda menos em outras partes do mundo ocidental.

Em muitos lugares do Ocidente, especialmente na América do Norte, estamos nos tornando culturalmente distintos das populações em que estamos estabelecidos. Nessas regiões, a igreja está se tornando imigrante; o número de membros imigrantes cresce mais que o número dos nativos.<sup>8</sup> Essa situação cria um golfo entre os membros da igreja e os cidadãos nativos de muitas grandes cidades, tornando a igreja irrelevante para os habitantes locais.

### As “trombetas”

O que devemos fazer para derrubar os muros de separação cultural, social e econômica, enquanto enfrentamos os gigantes filosóficos, educacionais e religiosos, incompatíveis com o cristianismo? Com quais “trombetas” podemos fazer soar o toque da vitória? As seguintes sugestões podem ajudar:

**Amar como Jesus Cristo.** Nosso fundamento é Jesus Cristo. Devemos crer que Ele é capaz de atrair pessoas (Jo 12:32). Isso significa crer que Jesus é capaz de derrubar todos os muros e todos os gigantes que enfrentamos nas grandes cidades. O ingrediente indispensável manifestado por Jesus à humanidade é Seu amor. João 3:16 continua sendo o coração do apelo divino a todos os seres humanos e o maior poder universal. Howard Belben escreveu: “O amor de Jesus por homens e mulheres é muito diferente do amor segundo a compreensão deles. O mais surpreendente de tudo é o amor demonstrado por Jesus na cruz, por aqueles que O mataram. Jamais houve algo como esse amor... Ele realmente amou as pessoas, mesmo aquelas que O odiaram e O mataram.”<sup>9</sup> Refletir Cristo e demonstrar genuíno amor cristão por todas as pessoas,

certamente ajudará a derrubar as barreiras que nos separam delas.

**Contextualização.** A fim de nos salvar, Jesus teve que Se tornar um de nós (Fp 2:7; Jo 1:14). Tomou sobre Si a carne humana e experimentou a vida como nós a experimentamos. Identificou-Se com as pessoas que veio salvar e compreendeu as preocupações delas. De acordo com Ellen G. White, “unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador Se misturava com os homens como Alguém que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”<sup>10</sup> Escreveu Belben: “Jesus tinha uma missão direcionada a pessoas solitárias e indesejadas, e assim deve ser Sua igreja.”<sup>11</sup>

Muito frequentemente, os cristãos tentam forçar os não cristãos a aderir a seu modelo de religião, mas eles mesmos permanecem na própria área de conforto. Porém, somos chamados a deixar essa área e alcançar as pessoas onde elas estão. O apóstolo Paulo compreendeu que, alcançar descrentes exigia que ele se tornasse “tudo para com todos” (1Co 9:22). Isso implica pensar diferentemente sobre a maneira pela qual apresentamos o evangelho. Gibbs escreveu: “À medida que as igrejas ocidentais crescentemente se engajam... na composição de suas sociedades, elas estão reconhecendo a necessidade de obter novos discernimentos e aprender novas habilidades.”<sup>12</sup> O evangelho deve ser contextualizado para alcançar todas as pessoas onde elas estão. O método de Cristo funcionará sempre que for aplicado.

**Engajamento social.** Pobreza, analfabetismo, discriminação e violência ainda são problemas crescentes em muitas áreas urbanas. Os cristãos devem se envolver nas questões enfrentadas diariamente pelos habitantes das grandes cidades. Durante o primeiro século, uma das atividades mais importantes que ajudaram

o crescimento do cristianismo foi o envolvimento das igrejas nos problemas sociais da população romana. De acordo com Derrel Watkins, “os missionários cristãos... demonstravam o amor de Cristo por meio da preocupação com as necessidades de toda pessoa com quem entravam em contato. Essa compaixão pela humanidade sofredora os levou a disseminar rapidamente o evangelho em todo o mundo conhecido de então, durante os primeiros três séculos”.<sup>13</sup>

Os cristãos devem se envolver com os assuntos sociais das grandes cidades. Devemos ser mais ativos no tratamento de questões como pobreza, miséria e justiça, que oprimem muitas pessoas. Ray Bakke comenta que não necessitamos de novas tecnologias para alcançar as grandes cidades para Cristo. Somente precisamos redescobrir a visão, a energia e a compaixão dEle.<sup>14</sup>

Em 1966, respondendo a uma série de sermões sobre a paixão de Deus por nossas cidades, um grupo de estudantes da Universidade Andrews foi inspirado a ministrar na cidade de Benton Harbor, Michigan. Os alunos iam de porta em porta e oravam diariamente pelos moradores, durante toda a semana. Com o passar das semanas, eles perceberam a necessidade de um ministério para crianças. Dessa ideia nasceu o “Ministério de Rua de Benton Harbor”, um programa evangelístico semanal direcionado às crianças. O ministério serviu como fundamento para uma campanha evangelística oito anos mais tarde, no fim de 2004.

Como resultado do consistente envolvimento social na comunidade, 41 pessoas foram batizadas, e uma nova igreja teve início. É como diz o adágio: “As pessoas não se importam com quanto você conhece, até que saibam quanto você se importa.”

**Uso da tecnologia.** A tecnologia transformou nosso mundo em uma aldeia global. A informação veloz tornou instantânea a comunicação entre lugares distantes do mundo. O *facebook* é um instrumento mundial

de comunicação que todos os dias faz com que as pessoas estabeleçam e cultivem amizades. Há seis bilhões de assinaturas de telefone celular hoje no mundo, e cinco bilhões são de países em desenvolvimento. Somente no último ano, usuários móveis baixaram mais de 30 bilhões de aplicativos.<sup>15</sup> Redes sociais alcançam 82% da população *online* do mundo, representando 1,2 bilhão de pessoas em todo o mundo. Em outubro de 2011, as redes sociais foram classificadas como a mais popular categoria de engajamento mundial, responsável por 19% de todo o tempo gasto *online*.<sup>16</sup>

Os cristãos devem usar esses importantes meios globais de comunicação para alcançar pessoas nas grandes cidades em todo o mundo. Todas as igrejas e organizações cristãs devem manter páginas como *blogs*, *facebook*, *podcasts* e todos os outros possíveis instrumentos de comunicação virtual para alcançar pessoas. A nova geração surgiu usando a mídia social e nós devemos ser engajados e ativos no uso desses meios para alcançá-la.

Na Comunidade Nova Vida, onde pastoreio jovens, percebemos que, quando encorajamos nossos adoradores a contatar os amigos deles durante nossos cultos, eles imediatamente o fazem e os amigos vêm à igreja. Também os incentivamos a “*tweetar*” partes das músicas ou do sermão. Atualmente, temos em média 70 a 80 *tweets* cada sábado, e temos visto seguidores reunindo-se conosco no sábado seguinte. Caso você ache que esse tipo de ministério funciona em sua igreja, tente usá-lo.

### Tempo de agir

Antes do exílio babilônico para Israel, Deus instruiu Jeremias a falar aos cativos hebreus: “Busquem a prosperidade da cidade para a qual Eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela” (Jr 29:7). Assim, como seguidores de Deus, devemos crer que não é acidente, mas um propósito especial, o fato

de vivermos em um tempo em que a população das grandes cidades está aumentando. Grandes cidades têm os maiores recursos com potencial e oportunidades ilimitados, caso estejamos dispostos a enfrentar o desafio.

Como cristãos, a maior arma que temos para enfrentar o aparentemente insuperável desafio das grandes cidades é nossa fé. Fé na comissão, no poder e nas promessas de Deus. O que Ele fez com doze homens limitados, sem educação formal sofisticada, no começo da era cristã, pode fazer conosco hoje. Jesus não discrimina pessoas. Sua promessa é: “Aquele que crê em Mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas” (Jo 14:12). O que estamos esperando? Podemos conquistar Jericó! 🏰

#### Referências:

- <sup>1</sup> Population Reference Bureau, “Human Population: Urbanization”, [www.prb.org](http://www.prb.org) 2009.
- <sup>2</sup> Business Insider, “Maps of Extreme Income Segregation in US Cities”, agosto de 2012.
- <sup>3</sup> The Atlantic, “Schools are More Segregated Today than During the Late 1960s”, 11/06/2012.
- <sup>4</sup> Eduardo Porter, The New York Times, 06/12/2006, [www.nytimes.com/2006/12/06/business/worldbusiness/06/wealth.html](http://www.nytimes.com/2006/12/06/business/worldbusiness/06/wealth.html).
- <sup>5</sup> Tim Morey, *Embodying our Faith: Becoming a Living, Sharing, Practicing Church* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009), p. 23.
- <sup>6</sup> *Ibid.*
- <sup>7</sup> Monte Salin, *Adventist Congregations Today: New Evidence for Equipping Healthy Churches* (Center for Creative Ministry, 2003), p. 71.
- <sup>8</sup> Paul Richardson e Monte Salin, *Demography Survey Seventh-Day Adventist Church in North America, 2007-2008*, [www.creativeministry.org](http://www.creativeministry.org), 2008.
- <sup>9</sup> Howard Belben, *The Mission of Jesus* (NavPress, 1985), p. 15, 16.
- <sup>10</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- <sup>11</sup> Howard Belben, *Op. Cit.*, p. 19.
- <sup>12</sup> Eddie Gibbs, *Church Morph: How Megatrends are Reshaping Christian Communities* (Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2009), p. 133.
- <sup>13</sup> Derrel Watkins, *Christian Social Ministry: An Introduction* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1994), p. 8.
- <sup>14</sup> Ray Bakke com Jim Hart, *The Urban Christian: Effective Ministry in Today's Urban World* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987), p. 83.
- <sup>15</sup> Alex Fitzpatrick, “75% of the World has Access to Cell Phones”, *Mashable US&World*, 18/07/2012.
- <sup>16</sup> [www.comscore.com/2012/01/people-spent-6-7-billion-hours-on-social-network-in-october/](http://www.comscore.com/2012/01/people-spent-6-7-billion-hours-on-social-network-in-october/)



Professor na Faculdade Adventista de Teologia do Iacone, Cachoeira, BA

# Igrejas abertas

## Construindo ministérios para as necessidades comunitárias

O livro do Apocalipse retrata o Espírito e a igreja convidando pessoas para que ouçam a mensagem do evangelho e aceitem Cristo como Salvador (Ap 22:17). Esse convite pode também ser analisado no âmbito da missão, do ponto de vista técnico, que implica métodos bíblicos personalizados, aprovados pelo Espírito e usados pela igreja, a fim de atrair pessoas a experimentar as bênçãos e os deveres da comunidade de Deus.

O convite do Apocalipse é confiado aos cristãos onde quer que eles escolham partilhar o evangelho. Normalmente, esse processo de chamado é desenvolvido dentro da própria igreja, onde a graça de Cristo é estruturada e desenvolvida por meio de ministérios diversos, criados especificamente para atender as necessidades da comunidade. Este artigo apresenta uma descrição da casa-igreja no antigo mundo greco-romano, especialmente em Roma, e a construção de ministérios, aplicando às igrejas de hoje a experiência relatada em Atos 6:1-3.

### Na Roma antiga

Entre as várias ferramentas de divulgação pelo relacionamento interpessoal, muitos estudiosos consideram as casas-igrejas o âmago dos métodos evangelísticos, onde o Espírito e a igreja transmitem o convite da salvação. Esse conceito também é confirmado no Novo Testamento (Rm 16:5; 1Co 16:19; Cl 4:15).<sup>1</sup> Essas ferramentas também operam como instrumento de nutrição missionária. Esses grupos entrelaçaram e reuniram crentes novos e antigos, como uma koinonia, propagando a mensagem de Deus.

A igreja cristã não foi a primeira a criar pequenos grupos como ferramenta missionária. Na verdade, os adeptos das religiões de mistério de Dionísio e Mitra foram os primeiros a usar essa estratégia.<sup>2</sup> Do primeiro ao quarto século d. C., o Mitraísmo, por exemplo, realizava suas reuniões em casas particulares, pequenos santuários ou templos-caverna chamados mithrae.<sup>3</sup> Calcula-se que, somente em Roma, havia aproximadamente 680 ou mais desses pequenos locais de

reunião mitraica, dedicados ao seu deus-sol. A maioria dos participantes era composta por soldados romanos.<sup>4</sup>

No primeiro século de Constantino, a quase inexistência de templos cristãos públicos, tais como na Roma antiga e outras províncias, foi a mola propulsora para a abertura das casas-igrejas.<sup>5</sup> Outra possibilidade para a multiplicação dessa metodologia na comunidade judaico-cristã no território palestino está relacionada à destruição do templo de Jerusalém. Essa construção icônica era, de certa forma, um polo de atração ao encontro espiritual de cristãos judeus, até que fosse destruída em 70 d.C. (At 2:46; 3:1-3; 5:20, 25; 21:26-29; 22:17; 24:12, 18; 26:21). As casas-igrejas também eram centro de preservação dos textos antigos. Algumas das casas maiores tinham bibliotecas particulares, onde manuscritos eram mantidos e preservados.<sup>6</sup> Mais tarde, durante a perseguição aos cristãos no tempo do imperador Diocleciano, em 303 d.C., também foi determinada a destruição dessas coleções particulares.<sup>7</sup>



Falando sobre templos pagãos, somente em Roma havia aproximadamente 31 prédios dedicados a diversos deuses. Até certo ponto, a diversidade de deuses e deusas contribuiu para um compartilhamento de sacerdócio entre templos. No período imperial, um sacerdote romano podia ministrar cultos e rituais litúrgicos em templos de diferentes divindades, sem ser considerado apóstata ou herege. Afinal de contas, os templos públicos tradicionais compunham um sistema de culto subordinado ao Estado romano.

*“Estamos em guerra contra as forças do mal e precisamos oferecer esperança às comunidades que nos cercam”*

Alguns desses templos tinham um *modus operandi* diferenciado quando funcionavam com portas abertas. O templo de Janus, tido como deus-chefe do panteão romano, abria as portas somente quando os romanos estavam em guerra. Segundo uma tradição antiga, depois da morte de Júlio César, um templo construído em sua homenagem era mantido com as portas abertas durante a maior parte do tempo, a fim de que todos os cidadãos romanos pudessem ver a estátua construída em homenagem a ele.<sup>8</sup> Entretanto, os cristãos organizavam seus encontros em casas pequenas, focalizando a comunhão e o testemunho, a exemplo dos ensinamentos e da vida de Cristo. Eles também utilizavam esses pontos de encontro como locais de culto durante a perseguição e inexistência de templos. Hoje, casas-igrejas são parte de um estilo de vida de muitas igrejas em todo o mundo.

De acordo com relatório da Associação Geral da Igreja Adventista, até junho de 2012, havia 73.526 igrejas e 67.276 grupos no mundo.<sup>9</sup> Em dezembro do mesmo ano, a Divisão Sul-Americana relatou a existência

de 11.614 igrejas e 13.167 grupos em seu território. Em termos percentuais, em relação ao total de igrejas pelo mundo, essa Divisão detém pouco mais de 15,7% de igrejas. Com relação aos grupos, a DSA tem cerca de 17,2% do total existente no mundo.<sup>10</sup> Esses locais de culto têm a grande responsabilidade de compartilhar o evangelho na circunvizinhança, no bairro e na comunidade.

O conceito de pequenos grupos também pode ser adaptado por meio de diferentes ministérios semanais, capacitados pela operação do Espírito no estabelecimento de igrejas, facilitando a participação e o envolvimento de muitos membros.

### Ministério apostólico

Durante o primeiro século a.C., os templos pagãos ficavam abertos durante a maior parte do dia. Em contrapartida, atualmente, muitas igrejas cristãs, inclusive a igreja adventista, abrem suas portas três ou quatro vezes por semana, a menos que haja alguma programação especial. Porém, uma das estratégias pelas quais as igrejas podem alcançar as respectivas comunidades e vizinhança é a elaboração de projetos e ministérios que atendam as necessidades dessas comunidades. A igreja é o local em que a formação de pequenos grupos pode facilitar o contato com as pessoas. Considerando que o ser humano constantemente sofre e luta com alguma dificuldade, durante a semana, uma congregação local pode oferecer ministérios que proporcionem alívio e esperança às pessoas.

Na igreja primitiva, isso foi eficaz quando a multiplicação de membros se tornou um desafio a ser contornado. Muitas viúvas necessitavam de um ministério voltado para as necessidades delas (At 6:1-5). A expectativa de vida havia sido encurtada por causa de guerras, pragas, problemas de saúde, entre outros. A menção a viúvas pode refletir alto índice de mortalidade entre judeus durante o período helenístico por causa desses fatores. Nessa antiga

sociedade, “garotas eram, pelo menos, dez anos mais jovens que os futuros maridos, algumas vezes, entre a elite, até mais, uma vez que eram envolvidos interesses políticos”.<sup>11</sup>

Em Atos 6:1-3, devem ser notados três aspectos do assistencialismo às viúvas: (1) “escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito”; (2) para uma “distribuição diária”, e (3) para “servir às mesas”. Esse serviço de caridade era destinado à população mais pobre da comunidade.<sup>12</sup> O termo “diário” originalmente aparece apenas aqui, em todo o Novo Testamento.<sup>13</sup> Essa única ocorrência do vocábulo pode acrescentar certa complexidade à forma pela qual esse assistencialismo foi exercido. A distribuição diária podia ser feita para atender especificamente à necessidade momentânea, ou através da organização de refeições comunitárias. Alguns autores favorecem essa última possibilidade.<sup>14</sup>

É fato que os pobres existirão sempre (Mt 26:11). Entretanto, o termo “pobre” também é bíblicamente aplicado à necessidade mais profunda do ser, que indica desejo pela salvação (Mt 5:3; Ap 3:17). Algumas das principais inquietações do ser humano estão relacionadas à expectativa do futuro, saúde, paz interior, harmonia familiar e outras, que somente serão plenamente supridas na segunda vinda de Cristo. Porém, a solução encontrada pelos apóstolos pode ser adaptada à realidade atual, através da elaboração de ministério que assista às comunidades onde as igrejas estão localizadas. Deve-se lembrar que o tipo de pessoas da comunidade determinará a estratégia de trabalho a ser empregada.<sup>15</sup> Isso se harmoniza com a metodologia de ensino de Jesus. Ele atendia as necessidades das pessoas, então as convidava para segui-Lo.<sup>16</sup>

Esse tipo de ministério não deve ser ofuscado por nenhum outro meio de evangelismo público ou pessoal, mas deve ser instrumento para a eficácia destes. É importante lembrar que Atos 6:1-3 é a descrição de uma

situação historicamente contextualizada, específica daquela época. O livro de Atos não é um manual de igreja. Ele retrata como o Espírito estava libertando a comunidade cristã primitiva da exclusividade judaica e promovendo-a como movimento missionário sem fronteiras. Assim, a flexibilidade de aplicação homilética do conceito de casas-igrejas, em nossos dias, deve respeitar esse processo.<sup>17</sup>

### Passos estratégicos

Os escritos de Ellen G. White, referentes à missão, refletem uma abordagem integral do que é mais importante para que a igreja se mantenha constantemente trabalhando. Ela menciona que a igreja deve ser ensinada a trabalhar tanto para os de dentro como para os de fora<sup>18</sup> e fala de grupos estabelecidos para atender propósitos diversos, bem como sobre evangelismo integrado, onde todos os departamentos da igreja estão comprometidos com o propósito para o qual foram criados.<sup>19</sup> Para ela, “educação”, “evangelismo”, “saúde” e “mordomia” são elementos importantes e necessários para o cumprimento dos propósitos de Deus.

Com isso em mente, sugerimos os passos seguintes para a formação de ministérios em grupos a ser desenvolvidos no plano de igrejas abertas:

- Escolher pessoas capazes e dispostas a trabalhar no projeto.
- Formar uma equipe de trabalho.
- Desenvolver um plano de pesquisa e visitação, a fim de conhecer as necessidades da comunidade.
- Definir quantos e quais ministérios serão desenvolvidos.
- Orar em favor dos missionários que atenderão ao chamado para servir.
- Convidar profissionais qualificados para treinar os voluntários nas diversas áreas de trabalho selecionadas.
- Estabelecer seminários ou oficinas para desenvolver os ministérios.
- Realizar nova etapa de visitação à comunidade, informando e divulgando a data de início e os dias de realização dos diversos seminários.

□ Estabelecer uma estratégia para a continuidade.

Entre as sugestões de temas para os seminários, enumeramos: Seminários para gestantes, cursos para deixar de fumar, culinária vegetariana, controle do estresse, como lidar com a depressão, palestras sobre saúde, aconselhamento familiar, cursos para noivos, seminários contra abuso e violência, atividades para a terceira idade, cursos de inglês ou outro idioma, alfabetização de adultos, entre outras. É indispensável que as instruções sejam ministradas por especialistas credenciados nas respectivas áreas. A introdução de temas bíblicos deve ser feita da maneira mais atraente e com a adesão voluntária dos participantes. O momento certo para essa introdução é variável. Em alguns casos, as pessoas se mostram mais receptivas e logo aceitam sem dificuldade. Em outros casos, é preciso mais tempo e paciência.

Possivelmente, congregações maiores têm facilidade para desenvolver maior número de ministérios, por causa da capacidade física e da maior disponibilidade de profissionais especializados. Cada igreja deve trabalhar de acordo com a própria realidade, mas é certo que, quanto maior for o número de ministérios desenvolvidos, durante mais dias a igreja permanecerá aberta na semana.

Finalmente, lembre-se: Estamos em guerra contra o mal. Igrejas de portas abertas oferecendo ministérios diversos podem não apenas ajudar socialmente as pessoas, mas também a experimentar o amor de Cristo através da bondade e do amor dos membros locais. O grande conflito está quase terminando. Igrejas cristãs têm aberto suas portas, porque estamos em guerra contra as forças do mal e precisamos oferecer esperança às comunidades que nos cercam. Imagine o que acontecerá se houver vários ministérios funcionando em suas igrejas. O desenvolvimento desse empreendimento exige um grupo de pessoas comprometidas que, com oração e planejamento,

possam identificar as necessidades comunitárias ao seu redor e abrir-lhe as portas da salvação. ❧

#### Referências:

- <sup>1</sup> O conceito de “casa” encontrado em outras passagens do Novo Testamento (At 2:46; 8:3; 20:20 e outras) também é empregado por alguns autores para designar e justificar a estratégia da casa-igreja propriamente dita. No entanto, no caso de perseguição, pode apenas se aplicar aos cristãos que, de fato, eram bem conhecidos nos respectivos bairros por causa de seu estilo de vida, fé e serviços de caridade. Esse aspecto seria um modo fácil de localizar as casas e os locais de habitação. Para mais esclarecimento sobre o conceito casa-igreja, ver Chigwell Christian Fellowship em [www.house-church.org](http://www.house-church.org)
- <sup>2</sup> Bíblia Arqueológica NVI, “An Ilustred walk through Biblical History and Culture ‘Religions Mystery’” (Grand Rapids: Zondervan, 2005, 1921).
- <sup>3</sup> Lewis Mitopfe, “Archaeological indications on the origins of Roman Mithraism”, em *Uncovering Ancient Stones: Essays in Memory of H. Neil Richardson* (Eisenbrauns, 1994), p. 147-158.
- <sup>4</sup> Roger Beck, “The pagan shadow of Christ”, BBC, 17/02/2011, disponível em [http://www.bbc.co.uk/history/ancient/romans/paganshadowchrist\\_article\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/ancient/romans/paganshadowchrist_article_01.shtml), acessado em 16/03/2013.
- <sup>5</sup> Arthur G. Patzia, *The Making of the New Testament: Origin, Collection, Text & Canon* (Downers Grove: InterVarsity, 2011), p. 26, 27.
- <sup>6</sup> *Ibid.*, p. 27.
- <sup>7</sup> Lee M. MacDonald, “The biblical canon: its origin, transmission and authority”, em Arthur G. Patzia, *Ibid.*, p. 27.
- <sup>8</sup> H. H. Shullard, *Festivals and Ceremonies of the Roman Republic (aspects of greek and roman life)* (Cornell University Press, 1981), p. 38-40, 52-58, 70, 71.
- <sup>9</sup> Escritório de Arquivos, Statistics and Research of the General Conference of Seventh-day Adventists, 30/06/2012, disponível em <http://SeventhDayAdventist.org>, acessado em 18/02/2013.
- <sup>10</sup> Divisão Sul-Americana, em *Adventist Church Management System*, 12 de dezembro de 2012.
- <sup>11</sup> Richard A. Horsley, *Christian Origins. People's History of Christianity* (Mineápolis: Fortress Press, 2010).
- <sup>12</sup> F. F. Bruce, *The Book of Acts* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), p. 119-121.
- <sup>13</sup> Marvin R. Vincent, TDNT. 5 Pr. 2009.
- <sup>14</sup> Gerhard Kittel, TDNT, reimpressão de 2006.
- <sup>15</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 821, 822.
- <sup>16</sup> \_\_\_\_\_, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- <sup>17</sup> Wilson Paroschi, VII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano: Teologia e Metodologia da Missão, editado por Elias Brazil de Souza, (CEPLIB, 2011), p. 343-369.
- <sup>18</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 84.
- <sup>19</sup> Russell Burril, *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005). Ver também Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 21, 22.

# VOCÊ MERECE UM MOMENTO SUPERBOM



*Panqueca de  
carne vegetal*

Não Contém Glúten

As proteínas vegetais Superbom, reúnem ingredientes de altíssima qualidade que proporcionam uma alimentação saudável e equilibrada.



- 0% Gordura Trans
- Rico em Fibras
- Zero Colesterol
- À base de Soja

Vegetale

GELEIAS

Amend's

PROTEÍNAS CEVADA

Kiwi's

SUCOS INTEGRAIS

Soy Good

MELVILLE

Fruitt's

MELADO DE CANA

Glugs

Qualidade de vida é  
**Superbom**

[www.superbom.com.br](http://www.superbom.com.br)



Compartilhe | SuperbomBR



Doutorando em missiologia pela Universidade Andrews, Estados Unidos

# Missiófilos, missiólogos e missionários

*De que maneira o estudo da missão está relacionado com a vida de todo cristão*

Faz tempo que o futebol assumiu a condição de paixão nacional no Brasil. É considerado o esporte principal, tanto pela prática abrangente pelos amadores, como pelo destaque dos seus jogadores profissionais no cenário mundial, e também pelo envolvimento emocional dos que o admiram e torcem pelas equipes e seus atletas. Nos últimos anos, uma segunda “paixão” tem se destacado

no contexto social brasileiro, principalmente evangélico: a missão cristã. A mobilização adventista para o testemunho comprova essa característica. Da mesma forma que é comum ouvir que todo brasileiro se considera um técnico de futebol, poderia ser dito que todo evangélico se considera missiólogo.

Apesar desse interesse crescente na participação ativa da igreja na missão de Deus, de forma geral, ela

tem ocorrido mais de modo pragmático, improvisado, na tentativa e erro; e menos por meio de reflexão e pesquisa acadêmica. A disciplina teológica da missiologia ainda é bastante nova e desconhecida pela maioria. O objetivo deste artigo é trazer uma breve introdução a essa disciplina acadêmica destinada a refletir sobre o aspecto missionário da igreja, que faz parte da vida de todos os cristãos.

## História

Obviamente, o envolvimento e a prática missionária já aconteciam antes da reflexão acadêmica sobre o assunto. No entanto, o espanhol Raymond Lull (1253-1315) é considerado o primeiro “a refletir criticamente sobre missões, ter publicado seus pensamentos e propor o estabelecimento de faculdades para a preparação teológica e linguística de missionários aos muçulmanos e judeus”. Tal escola foi fundada em Majorca, Espanha, em 1276. A coleção de escritos de Lull totaliza mais de 280 títulos, sendo ele considerado o primeiro missiologista da história cristã. Somente no século 15, José de Acosta e Thomas à Jesu publicaram obras missiológicas significativas. Nos três séculos seguintes, vários nomes se destacam, como por exemplo: Gisbertius Voetius, William Carey, Rufus Anderson, Henry Venn e Hudson Taylor. Mais recentemente, tem-se sugerido que, por volta de 1867, o estudo das missões estava formalmente estabelecido na Alemanha, Escócia e nos Estados Unidos.<sup>1</sup>

## Definição

Curiosamente, a palavra *missiologia* é resultado da união de *missio* (latim) e *logos* (do grego). “A própria palavra *missiologia* nos lembra que as missões existem para interligar culturas, cruzar fronteiras e celebrar a maravilhosa condição de tradução do evangelho de Jesus Cristo num contexto cada vez mais global.”<sup>2</sup>

De forma geral, missiologia é a pesquisa e reflexão conscientes, intencionais e contínuas sobre a missão. É o “estudo interdisciplinar que, através de pesquisa, publicação e ensino, contribui para o avanço da aquisição, desenvolvimento e transmissão de conhecimento e compreensão que são alicerçados teologicamente, informados contextualmente e orientados ministerialmente, com o objetivo de ajudar e corrigir cristãos, e instituições, envolvidos na missão cristã”.<sup>3</sup> Mais especificamente, a missiologia é guiada por três temas cen-

trais: (1) A natureza, (2) o objetivo e (3) os meios ou métodos da missão. Essa exploração se fundamenta em estudos sobre a natureza de Deus, o mundo criado e a igreja, e as diferentes maneiras pelas quais essas três realidades interagem entre si.<sup>4</sup>

## Relação interdisciplinar

Há várias maneiras de entender a relação entre a missiologia e as outras disciplinas teológicas. Alan Tippett considera que é mais fácil definir os propósitos da missiologia do que a complexidade das possíveis relações com outras áreas. Ele destaca as dimensões teológica, antropológica, histórica e prática.

Além de interdisciplinar, a missiologia é integrativa. Não pode haver um missiologista solitário, já que “ele sempre está envolvido em algum tipo de ação cooperativa, sempre aproveitando estudos de todos e também contribuindo.” Tippett aponta que “a missiologia deve se relacionar com todos os sistemas existentes e falar a todas as necessidades, em todos os lugares, no tempo, lugar e cultura, até que Ele venha”.<sup>5</sup> Pela própria natureza dinâmica do assunto em estudo – a missão – essa disciplina não é estática. Ela está constantemente se adaptando ao mundo mutante no qual a missão ocorre, ao mesmo tempo buscando manter a integridade dos seus princípios e da mensagem da verdade.

Essa dinâmica interdisciplinar e integrativa da metodologia missiológica, explicada de forma simples, inclui o entendimento do significado do texto bíblico nos estudos do Antigo e do Novo Testamento, as lições do passado nos estudos históricos do cristianismo, compreensões teológicas sistemáticas nos estudos filosóficos e éticos, além da familiaridade com os contextos, através dos estudos sociais. O objetivo da missiologia é reunir essas contribuições na reflexão e no estudo sobre a interação do evangelho com o mundo e, juntamente com os estudiosos da área de ministério, formular as práticas missionárias dos cristãos.

Finalmente, uma visão ainda mais completa sobre missiologia ressalta à sua característica interativa. A modernidade contribuiu para o divórcio entre a teologia teórica e a prática. No entanto, um dos objetivos da reflexão teológica cristã consciente deve ser a reconciliação entre essas duas partes, que não são úteis de forma independente. Nessa linha, Andrew Kirk oferece uma perspectiva interessante. Ele diz que “toda teologia verdadeira é, por definição, teologia missionária, porque tem como objetivo o estudo dos caminhos de Deus, que é missionário por natureza, e um texto fundamental escrito por missionários e para missionários. Missão como disciplina, então, não é o telhado de uma construção que completa o todo da estrutura, já construída com blocos que existem separadamente, mas é tanto o fundamento como o cimento que liga e une todas as partes”.<sup>6</sup> Portanto, como David Bosch sugere de maneira equilibrada, é importante que a missão seja teológica assim como é importante que a teologia seja missiológica, pois a teologia não tem razão para existir como fim em si mesma; sim, como parte do engajamento nos propósitos de Deus.<sup>7</sup>

## Estudo

O estudo da missiologia pode ser subdividido em áreas como teologia da missão, história da missão, missiologia e as ciências sociais, desenvolvimento social, religiões mundiais, estudos interculturais, estratégias missiológicas, demografia religiosa e outros campos de estudos relacionados. Dentro dessa interdisciplinaridade, para o missiologista cristão a Bíblia é a referência que determina as pressuposições para o estudo da missão. Do início ao fim, a Bíblia é um registro da ação de Deus para redimir a criação caída, em conexão com a vindicação do Seu caráter e Sua glorificação. Portanto, ela se torna o padrão espiritual para classificar e avaliar observações, materiais, fontes, experiências, num

patamar absolutamente superior à agenda mundial, comparação das religiões e filosofia secular.

Na missão, a mensagem é a Palavra de Deus sobre Seu propósito e promessa para a humanidade. Ela está relacionada à vida íntima, à experiência espiritual e também ao destino eterno das pessoas. Ao mesmo tempo, a natureza prática da missiologia é parte integral da disciplina. A comunicação do evangelho tem que ocorrer dentro da estrutura e organização das sociedades humanas. Isso acontece no ambiente da Terra, onde as pessoas desenvolvem sua vida física e onde essas experiências acontecem através de relacionamentos humanos culturalmente condicionados. Tippett lembra que “a teoria missiológica tem que vir do campo... e tem que demonstrar seu fruto no campo”.<sup>8</sup>

Até um passado recente, a missiologia estava relacionada quase como o departamento de relações internacionais, lidando com as his-

tórias mais exóticas e periféricas da igreja. Hoje, ela tem se movido para o centro da vida prática da igreja e de cada cristão. A missiologia não mais se limita a iniciativas que envolvem cruzar fronteiras entre países, porque existe uma conscientização crescente de que as fronteiras (sociais, etárias, de gênero, educação) entre culturas (ou subculturas) estão presentes em todos os contextos, mesmo que não haja a tradicional barreira de idiomas. Uma das principais áreas da missiologia, hoje, tem como objetivo entender o desafio missionário nos centros urbanos. Por isso, Kirk observa que “a fronteira missionária não é primariamente a geográfica, mas a da crença, convicção e compromisso”.<sup>9</sup>

### Deus, você e a missiologia

Não é difícil perceber que o estudo da missão está diretamente relacionado com a vida de cada cristão. Alguém já disse que “uma igreja sem missão é uma contradição”.<sup>10</sup> A missão define o propósito da igreja e de cada cristão, e por isso define quem ele é. No entanto, o ponto de partida do estudo missiológico é Deus. “Missão [é] entendida como sendo derivada da própria natureza de Deus.”<sup>11</sup> A ideia central destaca que é Ele quem inicia e sustenta a missão (*missio Dei*). Pela graça de Deus, cada cristão, individualmente, e a igreja, coletivamente, são convidados a tomar parte nessa obra divina.

Assim, “a doutrina clássica do *missio Dei*, com Deus, o Pai, enviando o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviando o Espírito [é] expandida para incluir mais um movimento: Pai, Filho e Espírito Santo enviando a igreja ao mundo.”<sup>12</sup> Por isso, se a igreja não existir em função dos outros não será igreja. Se faltar a verdadeira compreensão de que Deus é o ponto de partida e de chegada da missão, como se entenderá a igreja?<sup>13</sup>

Hoje, a missiologia tem voltado sua atenção de forma especial para o fenômeno da globalização e seus efeitos. Há uma mudança demográfica

no mundo, acompanhada de um novo panorama religioso influenciado pelo pós-modernismo. As novas tecnologias conectam as pessoas de forma diferente, os países emergentes são peças importantes da política e da economia global, a maioria das pessoas vive em cidades e o “centro” do cristianismo passou para o hemisfério sul.

Diante dessa realidade, “a missiologia, como ramo da disciplina da teologia cristã, não é um empreendimento neutro ou desinteressado; pelo contrário, busca considerar o mundo da perspectiva do compromisso da fé cristã.”<sup>14</sup> O apelo é para que sejamos mais do que dedicados *missiófilos* (amantes da missão), e que possamos pesquisar e refletir espiritualmente sobre ela como hábeis *missiólogos* (estudantes da missão), o que nos tornará também fiéis *missionários* (servos de Deus). ▀

#### Referências:

- <sup>1</sup> John Mark Terry, Ebbie C. Smith e Justin Anderson, *Missiology: An Introduction to the Foundations, History, and Strategies of World Missions* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1998), p. 390.
- <sup>2</sup> Timothy C. Tennent, *Invitation to World Missions: A Trinitarian Missiology for the Twenty-First Century* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2010), p. 10.
- <sup>3</sup> Robert J. Priest, *What in the world is missiology!?*, <http://www.missiologyymatters.com/2012/03/07/what-in-the-world-is-missiology/> acessado em 18/03/2013.
- <sup>4</sup> A. Scott Moreau, Gary Corwin e Gary B. McGee, *Introducing World Mission: A Biblical, Historical, and Practical Survey* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2004), p. 17.
- <sup>5</sup> Alan R. Tippett, *Introduction to Missiology* (Pasadena, CA: William Carey Library, 1987), p. 14.
- <sup>6</sup> J. Andrew Kirk, *The Mission of Theology and Theology as Mission* (Valley Forge, PA: Trinity, 1997), p. 50.
- <sup>7</sup> David J. Bosch, *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission* (Maryknoll, NY: Orbis, 1991), p. 494.
- <sup>8</sup> Tippett, p. 17.
- <sup>9</sup> J. Andrew Kirk, *What is Mission? Theological Explorations* (Minneapolis, MN: Fortress, 2000), p. 24.
- <sup>10</sup> Carl E. Braaten, *The Flaming Center: A Theology of the Christian Mission* (Philadelphia: Fortress, 1977), p. 55.
- <sup>11</sup> Bosch, p. 390.
- <sup>12</sup> *Ibidem*
- <sup>13</sup> Darrell L. Guder e Lois Barrett, *Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America* (Grand Rapids, MI: W; B; Eerdmans, 1998), p. 7.
- <sup>14</sup> Bosch, p. 9.

#### POR ONDE COMEÇAR

Aqui está uma lista de livros clássicos da missiologia, a maioria dos quais em português:

Charles Van Engen, *Povo Missionário, Povo de Deus*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1996

Christopher J. H. Wright, *A Missão do Povo de Deus: Uma teologia bíblica da missão da igreja*. Edições Vida Nova, 2012

David Bosh, *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Paulo, SP: Editora Sinodal, 2002

David J. Hesselgrava, *A Comunicação Transcultural do Evangelho*, v. 1-3. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1995

H. Richard Niebuhr, *Cristo e Cultura*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1967

Jon Dybdahl, ed., *Adventist Mission in the 21st Century*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1999

Paul Hiebert, *O Evangelho e a Diversidade das Culturas*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1999

Ralph D. Winter, Kevin D. Bradford e Steven C. Hawthorne, ed., *Perspectivas do Movimento Cristão Mundial*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2009

## CONFORME A ORDEM DO MESTRE

Quando Jesus Cristo ordenou: “Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas”, não deixou dúvida quanto à abrangência da pregação. Ela deve alcançar exatamente o “mundo todo”, “todas as pessoas”.

Em nosso continente, é maravilhoso ver pessoas aceitando Cristo como Salvador em muitos lugares. Entretanto, em outros, essa resposta à pregação do evangelho não é facilmente obtida. O Uruguai é um dos países que se tem mostrado resistente à mensagem de salvação.

Sabendo que ali existem pessoas sinceras, pelas quais Cristo deu a vida, líderes da Igreja na América do Sul planejaram agir no sentido de intensificar

os esforços para evangelizar aquele país. De acordo com o plano, foram enviados pastores que ali trabalharão sob o patrocínio de algumas Uniões da Divisão Sul-Americana.

São estes os pastores enviados: Brian Rius, Djack Stuart, Marcelo, Jeosadaque Gomes, Edison Meneguese e Ernesto Quezada. Eles trabalham, respectivamente, nas regiões de Tacuarembó, Ciudad de la Costa, Las Acaias, San José, Piedras Blancas e Buceo. As Uniões Leste, Sul, Central e Sudeste-Brasileiras, bem como a União Chilena, enviam os pastores. As Uniões Leste, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste-Brasileiras patrocinam a permanência deles no país, durante quatro anos.



Os novos pastores-evangelistas, acompanhados de líderes da Divisão Sul-Americana e do Campo uruguiaio

“Não deve haver amesquinamento do ministério evangélico. Nenhum empreendimento deve ser dirigido de maneira a dar a impressão de ser o ministério da palavra um ramo inferior. Não é assim. Os que amesquinham o ministério estão menosprezando o próprio Cristo. A mais elevada de todas as obras é o ministério em seus vários ramos ... não existe obra mais abençoada por Deus que a do ministério evangélico” (Ellen G. White).

“O amor é o incentivo mais fascinante do ministério. Qualquer outro motivo que seja eventualmente frustra e causa curto-circuito no ministério. Sem amor por Cristo e pelas pessoas, o ministério facilmente se transforma numa gratificação incontrolada do ego e numa necessidade exagerada de proeminência e controle. Nesse caso, o pastor corre o risco de se tornar um típico charlatão religioso. O amor a Cristo, todavia, nos mantém concentrados nas coisas que de fato fazem diferença” (Neil B. Wiseman).

“Toda a verborragia sinistra e escravizadora que tanto se ouve sobre a vocação ao ministério tem de ser questionada e rejeitada em favor de algo melhor. Alegria, prazer, satisfação, serenidade, encantamento, bem como realização de missão precisam ser muito mais enfatizados. Palavras gloriosas, que nos convocam à luta, tais como fé, esperança, integridade, credibilidade e serviço, devem ser misturadas à deliciosa receita. O gozo, o romance e a aventura que Deus concede à vocação de todo pastor devem ser expressos com muito maior frequência. O ministério é uma aventura” (Ibid).

“Todavia, não me importo, nem considero a minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou, de testemunhar do evangelho da graça de Deus” (Paulo).



# DIA DO PASTOR

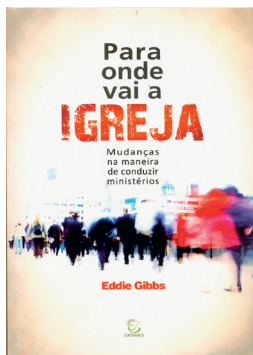
E DAS VOCAÇÕES  
MINISTERIAIS

26 DE OUTUBRO

Paixão  
pela Missão

### PARA ONDE VAI A IGREJA

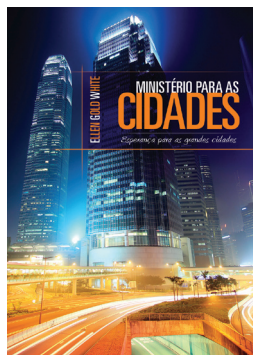
Eddie Gibbs, Editora Evangélica Esperança, Curitiba, PR, e-mail [comercial@esperanca-editora.com.br](mailto:comercial@esperanca-editora.com.br), 282 páginas.



Diante dos desafios missionários enfrentados atualmente pelos cristãos, o autor deste livro propõe nove áreas nas quais, de acordo com ele, a igreja precisará se transformar para ser bíblicamente fiel à sua mensagem e à sua missão para o mundo.

### MINISTÉRIO PARA AS CIDADES

Ellen G. White, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, e-mail [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br), 159 páginas.



Este livro é um chamado à ação, um apelo para que os cristãos trabalhem por seu Salvador, levando o evangelho aos milhões de habitantes das cidades. Os temas incluem apresentação dos desafios, estratégias e métodos de evangelismo para as cidades, seleção e preparo de obreiros, tendo como base as Escrituras.

### O PRINCÍPIO COGNITIVO DA TEOLOGIA CRISTÃ

Imprensa Universitária Adventista, Engenheiro Coelho, SP, tel.: (19) 3858-9000, [www.unasp-ec.edu.br](http://www.unasp-ec.edu.br), 410 páginas.

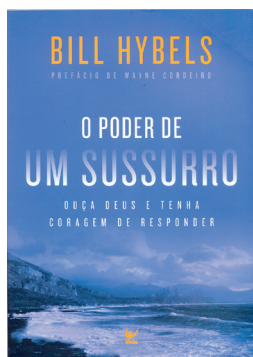


Qual é a fonte das doutrinas cristãs? Como podem os teólogos saber se as doutrinas que ensinam refletem a verdade divina? O cristianismo possui alguma verdade única e exclusiva? As doutrinas cristãs descrevem conceitos reais ou são apenas resultado da imaginação humana revelada nas tradições de nossos ambientes culturais? Seria a

visão moderna sobre a origem da Bíblia a última palavra sobre o assunto? Essas e outras perguntas são respondidas neste livro.

### O PODER DE UM SUSSURRO

Bill Hybels, Editora Vida, São Paulo, SP, tel.: (11) 2618-7000, [www.editoravida.com.br](http://www.editoravida.com.br), 247 páginas.



Aprender a ouvir o sussurro de Deus é um dos mais extraordinários privilégios da vida. Este livro é um convite para que os seguidores apaixonados por Jesus estejam aberto à voz de Deus. Diminua o som do ambiente da sua vida, apure os ouvidos e esteja preparado para seguir a orientação dos sussurros que podem abalar seu mundo,

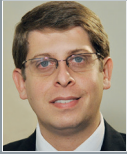
arbitrar decisões importantes e levar você a obedecer a Deus.

### VEJA NA INTERNET – [www.centrowhite.org.br](http://www.centrowhite.org.br)



O Centro de Pesquisas Ellen G. White – UNASP acaba de lançar um novo site, a fim de facilitar o acesso às informações nos conteúdos do Espírito de Profecia. Nele você encontra os livros de Ellen White nos formatos ebooks e audiobooks. Uma ferramenta excepcional é o novo Aplicativo para tablets e smartphones Escritos de Ellen White, disponível para download gratuito. Além disso, há uma galeria de imagens com registros de nossa história, tanto de pioneiros como de instituições da Igreja.

Outra novidade do site é a seção de pesquisa, que oferece acesso aos principais periódicos adventistas, bem como a livros e outros recursos digitais. Na seção de perguntas e respostas, pode-se esclarecer questionamentos relacionados com a Bíblia e com os escritos de Ellen G. White.



Rafael Rossi

Diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana

# Entre sonhos e realidade

**T**odos nós sonhamos. Fazemos planos para o futuro e, na maioria das vezes, nossa projeção é de realizações e conquistas. Não planejamos fracasso nem frustrações. Mas, inevitavelmente, temos que conviver com problemas. Cientistas que colocam homens na lua são incapazes de conviver com a própria esposa e os filhos. Pesquisadores que descobrem cura de doenças não sabem como controlar os próprios impulsos.

O que fazer quando o ministério que idealizamos difere da difícil realidade que experimentamos? Como podemos conviver com os grandes ideais que pregamos, mas não são reais em nossa vida?

Como pastores, vivemos entre o ritual religioso e o amor ao indivíduo, entre o que é institucional e o que é pessoal. Não nos vemos enfrentando problemas pessoais, familiares ou espirituais. No idealismo ministerial, nossos filhos não abandonam a fé, não sofremos com as adaptações que as mudanças de casa e de vida nos impõem, nossa liderança não é questionada, não nos desanimamos diante das situações difíceis, nosso casamento não sofre crise, não negligenciamos o estudo da Bíblia.

Porém, apesar do chamado sagrado que recebemos, continuamos como seres humanos pecadores, carentes da graça de Deus e suscetíveis às influências do pecado. Estar no ministério não é garantia de que todas as nossas orações serão respondidas como desejamos, que os problemas não tirarão nosso sono nem que não teremos lutas e dias difíceis.

Talvez, agora mesmo você esteja se sentindo exatamente assim. Os sonhos estão desmoronando e, sem saber como nem para onde ir, você se sente fraco. Algumas vezes, em meio à crise, perguntei a mim mesmo se, no fim, tudo terminaria bem. Diante das perspectivas indefinidas, eu não sabia ao certo o que deveria fazer. Situações assim, desanimadoras, estão sempre acompanhadas de sentimentos que não conseguimos controlar e que roubam

nossas forças, causando-nos frustração. O perigo maior é de que, em situações críticas, é fácil nos tornarmos aquilo que condenamos. Podemos desconstruir em pouco tempo o que demorou a ser construído. Batalhamos contra o medo, recebemos o que ainda é incerto e, para alguns, a saída tem sido o abandono do ministério.

Amigo pastor, você não é o primeiro a passar por isso! Diante dos problemas, pode até ser que as circunstâncias não mudem, mas precisamos procurar forças em Deus para mudar nosso modo de encarar as adversidades ou o que sentimos diante delas.

Assim fazendo, descobrimos que, mesmo sem mudar as circunstâncias, passamos a perceber o mundo à nossa volta de outro jeito. Deus o chamou para ser pastor; não tenha dúvida de que Ele acompanha cada passo do seu ministério. Hoje, a realidade pode ser bem diferente daquela com a qual você sonhou, mas é possível recomeçar e reescrever a história do seu pastorado. Se for preciso, mude. Melhore o que for preciso. Permita que Deus assuma, sem reservas, o controle de seu ministério.

Há outro ponto a ser considerado. Em alguns casos, os sonhos de Deus para seu ministério podem ser bem diferentes do sonho que você alimentou. Quando isso acontece, facilmente somos levados ao poço do desânimo. Tenha cuidado para não se tornar refém das emoções. Não as esconda nem as reprima. Ao contrário disso, aja sobre elas! Não se faça de vítima nem adote pensamentos de autopiedade, quando as situações fugirem do seu padrão de ideal.

Há um texto de Paulo que, em momentos difíceis, tem servido de grande ajuda para mim: “Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus” (Fp 3:12).

É preciso continuar avançando. Não desista! Por mais que o horizonte seja sombrio, prossiga, persista. No fim do caminho, encontraremos Jesus. Então, nosso maior sonho será nossa eterna realidade! ▀

*“Estar no ministério não é garantia de que os problemas não tirarão nosso sono nem que não teremos dias difíceis”*



CESTA  
BÁSICA

# ESPIRITUAL

2014



Mari Baroni / Imagem: Daniel de Oliveira

**SETEMBRO E OUTUBRO DE 2013**

**HORÁRIO ESPECIAL DE ATENDIMENTO NO DIA 20/10:  
NAS LIVRARIAS DA CPB, DAS 8h ÀS 18h  
NO 0800-9790606, DAS 8h ÀS 24h**